



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Vera Lúcia Amorim Da Silva

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado em Educação Pré-Escolar

A música erudita em contexto Pré-escolar

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Doutor Carlos Almeida

junho de 2015

Agradecimentos

Direta ou indiretamente muitas foram as pessoas que colaboraram para a concretização deste relatório, apoiaram com palavras de incentivo, compreensão e partilha ao longo desta etapa, especialmente marcante na minha vida. Portanto, agradeço a todos aqueles que sempre me ajudaram e apoiaram ao longo de toda esta caminhada.

Ao Professor Doutor Carlos Almeida pela ajuda, pela disponibilidade, pelas sugestões pertinentes na orientação deste trabalho e por a boa disposição com que fui sempre bem recebida.

A todo o corpo docente do Mestrado em Educação Pré-Escolar pela construção de novos saberes e pelos momentos de reflexão que muito ajudaram a crescer e a ultrapassar obstáculos.

À Educadora Cooperante Graça Rocha pela exigência que me ajudou a crescer, pelo exemplo que se tornou e que guardo, pelos conselhos, pelo carinho e por me deixar tão à vontade e sem medo de agir. Não esquecendo a auxiliar de ação educativa, a Dona Zeza que rapidamente se tornou uma amiga, uma conselheira e sempre com uma palavra amiga e reconfortante. Agradecer também a todas as crianças pelos momentos inesquecíveis que me proporcionaram ao longo da caminhada.

Ao meu par pedagógico, a Cláudia Carmo, por todo o apoio desde o primeiro momento. Pela ajuda na integração na ESE, pelas horas de trabalho, pelos conselhos, pela alegria contagiante e pelas confidências.

Às meninas que acompanharam diariamente este processo, à Ana Guimarães e à Diana Duarte pelos momentos de entreatajuda, de apoio e de alegria.

Aos meus pais e irmã por o apoio no decorrer deste percurso que me permitiu chegar e ultrapassar esta etapa da minha vida. À restante família e amigos próximos que se mostraram sempre atentos com o desenrolar do meu percurso.

À Eva Moreira por estar sempre presente. Por apoiar, por incentivar, por aconselhar e por me fazer acreditar que eu seria capaz de chegar ao fim desta etapa.

Resumo

Este projeto final foi construído no âmbito do Mestrado de Educação Pré-Escolar, que se insere na Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada II. Esta prática envolve assim um grupo de 22 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos.

O conteúdo deste projeto está direcionado para a expressão musical onde se deu especial importância à música erudita. Dando ênfase à música clássica/romântica. Foram exploradas as várias áreas e domínios do ensino pré-escolar com recurso a atividades musicais decorrentes de audições programadas.

Este relatório está organizado em 3 partes, sendo a primeira referente ao enquadramento do estudo, caracterizando o meio, o jardim-de-infância, a sala de atividades e o grupo em questão. A segunda parte consiste na fundamentação teórica onde se evidencia a importância para a música na Educação Pré-Escolar, pedagogias da música e o brincar na Educação Pré-Escolar. É também nesta parte que se apresenta a metodologia adotada, de natureza qualitativa, tendo por base uma investigação-ação, bem como a descrição, análise e interpretação de dados e respetivas conclusões. A terceira e última parte é apresentada a reflexão final sobre toda a Prática de Ensino Supervisionada.

Os instrumentos de recolha de dados foram, designadamente: a observação, os registos audiovisuais e notas de campo, para possibilitar a análise pormenorizada das ações dos participantes. Os resultados corroboram que as atividades desenvolvidas no decorrer deste projeto foram significativas para a sensibilização das crianças em relação à música erudita.

“A música erudita em contexto pré-escolar” foi um projeto que fomentou uma abordagem à expressão musical na educação pré-escolar com um caráter próprio, gerando nas crianças interesse e curiosidade pelas atividades musicais e por consequência à restante comunidade escolar.

Palavras-chave: pré-escolar, brincar, música, compositores clássicos/românticos.

Abstract

This final project was carried out in the preschool Education Master context, inserted in the Curricular Unit Supervised Teaching practice. This practice involves a group of 22 children aged between 3 and 6 years.

The content of this project is directed to the musical expression, which gave a particular importance to the classical music. Emphasizing the classical/romantic. There were explored various areas in the preschool, using musical activities as a result of scheduled hearings.

This project is organized into 3 parts, being the first concerning to the study framing, characterizing the middle, the kindergarten, the activities and the group in question. The second part consists in theoretical foundation which highlights the importance for music in Preschool Education, the music pedagogies and the play in Preschool Education.

It is also in this section which presents the adopted methodology, being it the research-action as well as the description, analysis and interpretation of data as well as the conclusions. The third and last part shows the final reflection about the whole Practice of Supervised Education.

The data collection instruments were: the observation, the audiovisual recordings and field notes, to enable detailed analysis of the actions of the participants.

The results corroborate that the activities carried out in the course of this project were meaningful to children awareness in relation to classical music.

"The classical music in preschool context" was a project that fostered an approach to musical expression in preschool education with its own character, generating interest and curiosity by musical activities and by consequence remaining school community.

Keywords: preschool, playing, music, romantic/classical composers.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract.....	iii
Índice.....	iv
Lista de Anexos.....	vi
Lista de Figuras	vii
Lista de Tabelas.....	viii
Lista de Abreviaturas.....	ix
PARTE I.....	x
Introdução	1
1. ENQUADRAMENTO DO ESTUDO	2
1.1. Caraterização do Meio	2
1.2. Caracterização do Jardim de Infância	4
1.3. Caracterização da sala de atividades	6
1.4. Caracterização do grupo.....	9
1.5. Limitações do contexto na aplicação do projeto	11
PARTE II.....	12
1. METODOLOGIA ADOTADA	13
1.1. Seleção da Metodologia de Investigação	13
1.2. Investigação-ação.....	14
1.3. Participantes.....	15
1.4. Instrumentos de Recolha de Dados	16
1.4.1. Observação.....	16
1.4.2. Registos audiovisuais	17
1.5. O Projeto.....	17
1.5.1. Objetivos do Projeto	19
1.6. Atividades	19
1.6.1. Música e Expressão: O Coelho Alberto	20
1.6.2. Música e sensibilidade/atenção	21
1.6.3. Música com brinquedos.....	22
1.6.4. Vamos construir?	23

1.6.5. Vamos tocar!.....	24
1.7. Questões Éticas	25
1.8. Plano de ação	26
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	27
2.1. Importância da música na Educação Pré-escolar	27
2.2. Pedagogias da música.....	29
2.3. O brincar na Educação Pré-escolar.....	32
3. DESCRIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	34
CONCLUSÕES.....	50
Implicações Educativas	55
Recomendações para futuras investigações.....	55
PARTE III.....	57
REFLEXÃO FINAL SOBRE A PES	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
ANEXOS.....	62

Lista de Anexos

Anexo 1 - Planta da Sala.....	63
Anexo 2 - História “O Coelho Alberto”	64

Lista de Figuras

Figura 1 - Hall do JI e Biblioteca	5
Figura 2 - Espaço Exterior do JI	5
Figura 3 - Área da Casinha	7
Figura 4 - Área dos jogos de chão/construções.....	7
Figura 5 - Área da caixa de Areia	7
Figura 6 - Área da Costura	7
Figura 7 - Área dos jogos de mesa.....	7
Figura 8 - Área do computador.....	7
Figura 9 - Área do quadro preto	7
Figura 10 - Área da pintura	7
Figura 11 - Área da modelagem.....	8
Figura 12 - Área do desenho.....	8
Figura 13 - Área da colagem	8
Figura 14 - Área da escrita	8
Figura 15 - Área dos projetos.....	8
Figura 16 - Área da Biblioteca/Hall de Entrada da Sala	8
Figura 17 – Reconto da história com gestos	36
Figura 18 - História contada com fantoches	39
Figura 19 - Encenação da história.....	40
Figura 20 - Construção instrumentos/brinquedos	46
Figura 21 - Manuseamento dos instrumentos/brinquedos	48

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Códigos dos participantes	15
Tabela 2 - Plano de Ação.....	26

Lista de Abreviaturas

ATL – Atividades de tempo livre

EB 1 – Escola Básica do 1º Ciclo

EB 2,3 – Escola Básica do 2º e 3º Ciclo

GNR – Guarda Nacional Republicana

INE – Instituto Nacional de Estatística

JI – Jardim de Infância

ME – DGIDC – Ministério da Educação – Direção Geral da Intervenção e do Desenvolvimento Curricular

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PES I – Prática de Ensino Supervisionada I

PES II – Prática de Ensino Supervisionada II

ESE – Escola Superior de Educação

PARTE I

Introdução

A investigação que se apresenta neste relatório enquadra-se no âmbito da Unidade Curricular da “Prática de Ensino Supervisionada II” do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizada no contexto de jardim-de-infância da Escola de Ensino Superior de Viana do Castelo no ano letivo de 2013/2014. A temática surgiu durante as observações realizadas na PESI que possibilitaram a identificação de uma necessidade/problemática no grupo de crianças que originou esta investigação.

Partindo do princípio que a expressão musical é um dos meios pelo qual se torna possível despertar a sensibilidade das crianças e também inseri-las na cultura que as rodeia e as que algumas não conhecem, foi perspectivado a investigação em questão com o intuito de alcançar resposta para a seguinte questão de investigação: Qual o impacto da música erudita nas crianças em idade pré-escolar?

Este relatório será apresentado em três partes. Na primeira parte será apresentado o enquadramento das PES onde se refere os traços do contexto educativo e se apresenta a caracterização das crianças e da comunidade escolar envolvida no estudo. É feita também referência ao espaço físico e o funcionamento da instituição e da sala de atividades onde se desenrolou o estudo.

Na segunda parte, encontra-se o trabalho de investigação. Surge primeiramente a descrição da opção metodológica adotada, a investigação-ação, enuncia-se a problemática encontrada, explica-se a razão pela qual se escolheu o tema. Define-se os objetivos, a questão orientadora e o traça-se o plano de atividades. Posteriormente é redigida a descrição, análise e interpretação de dados obtidos durante a investigação. Em seguida surge a fundamentação teórica sobre a temática explorada onde são desenvolvidos os seguintes temas: Importância da música na educação pré-escolar; Pedagogias da música no século e o brincar na educação pré-escolar. E por último serão apresentadas as conclusões de todo o trabalho desenvolvido, implicações educativas e recomendações para futuras investigações.

A terceira parte é composta por uma reflexão final e global da PES onde se dá realce às experiências vividas ao longo dos meses, destacando dificuldades sentidas e conquistas.

1. ENQUADRAMENTO DO ESTUDO

Este capítulo apresenta o enquadramento deste estudo. São abordados diversos aspetos fundamentais sobre o mesmo. Nele abordamos a caracterização do estudo; a caracterização do jardim de infância; a caracterização do grupo e as limitações do contexto na aplicação do projeto.

1.1. Caracterização do Meio

A instituição na qual este projeto de investigação foi desenvolvido pertence ao concelho de Viana do Castelo localizando-se a Norte de Portugal Continental. Está geograficamente bem localizada, do ponto de vista natural e ambiental. Está inserida numa das freguesias da cidade de Viana do Castelo que possui um património monumental, histórico e cultural permitindo um crescimento favorável e fazendo da cidade um belo sítio para se habitar. Próxima do monte de Santa Luzia, onde é permitida uma vista panorâmica e deslumbrante sobre a cidade, onde se vê uma grande extensão do rio Lima e respetiva foz. A cidade de Viana tem cerca de 314 km² de área, e a população residente atual é aproximadamente um total de 88 209,0 mil habitantes, nos quais 41 600 são homens e 46 609 mulheres distribuídas por 27 freguesias atualmente, de acordo com a nova tipologia (INE 2011).

A situação geográfica aproxima a instituição do rio e do mar. A freguesia a que pertence sofreu recentemente intervenções urbanísticas, transformando-se e adquirindo características mais modernas. As zonas onde se fazem notar essas alterações de foro moderno são a zona Ribeirinha e a zona onde se encontra a praia.

Antigamente a população subsistia essencialmente do mar, representando uma mais-valia económica para a população. Hoje em dia reparamos num acentuado declínio no entanto ainda continua a ser significativo o número de habitantes que se dedica à atividade piscatória, enquanto os restantes moradores se dedicam a diferentes atividades por conta de outrem, como é o caso da indústria naval, artesanato e comércio.

As habitações que se encontram nesta freguesia, de uma forma geral, têm todas condições razoavelmente boas. Contudo, também existem famílias que vivem em situações precárias, com condições de pouca higiene, como são os casos de famílias de etnia cigana.

A nível de saúde podemos encontrar duas farmácias e na freguesia ao lado do Hospital Central do Distrito de Viana do Castelo.

A nível de educação no ensino público encontramos dois jardins de infância, uma escola secundária, uma E.B. 2,3 e uma EB1. Em relação ao ensino privado encontramos uma escola de formação de pescadores e um instituto politécnico.

A referida freguesia tem ao dispor uma feira semanal, às sextas-feiras e uma Feira Franca em Agosto. A festa da freguesia que tem mais destaque é a festa da Nossa Senhora d' Agonia realizada no mês de agosto tendo como referência o dia 20 de agosto, sendo este o feriado municipal. A referida festa é apreciada por muitos e considerada a maior romaria do país devido às tradições que se desenrolam nos dias da festa. Estas festividades são organizadas pela Irmandade e Real Confraria da Sr.^a d'Agonia e particulares.

Em termos de gastronomia é típico a caldeirada de peixe, arroz de peixe e arroz de lampreia.

No que diz respeito ao artesanato destacam-se as redes, as rendas e as miniaturas de barcos em madeira. É de notar que as rendas encontram-se em franca decadência, no entanto ainda existe alguns que se dedicam à sua confeção como as gentes do Bairro Piscatório da Ribeira.

Encontramos também diferentes coletividades: o Grupo Folclórico de Viana, o Centro Cultural Alto Minho, a Juventude de Viana, o Sport Clube Vianense, a EDV - Escola Desportiva de Viana e Amigos do Mar, Academia de Música de Viana do Castelo, Fundação de Cultura Juvenil Maestro José Pedro e a Associação de Judo. Assim como podemos encontrar o Antigo Quartel do "Batalhão de Caçadores 9" (Instalações pertencentes ao Instituto Politécnico de Viana), Quartel da GNR, Capitania do Porto, Seminário das Missões do Espírito Santo, Carmelo de Santa Teresinha, Estádio Dr. José Matos, Pavilhão Gimnodesportivo de Monserrate, Miradouro, entre outros.

1.2. Caracterização do Jardim de Infância

O Jardim-de-Infância (JI) onde foi realizado este estudo é uma instituição pertencente à rede pública, está ligado a uma Escola Básica do 1º Ciclo (EB1). Está integrado num Agrupamento Vertical de Escolas. Usufrui de fáceis acessos.

As crianças que frequentam a instituição fazem-no na sua maioria devido à localização dos empregos ou opções educacionais dos pais, à proximidade de familiares ou por não encontrarem instituições com as vertentes que o jardim de infância oferece.

Acolhe crianças dos três aos cinco anos de idade, podendo existir casos excecionais de crianças com dois anos perto de completarem os três e de crianças com seis anos. Regra geral as crianças estão no jardim das 9h até às 15h30. Os momentos de almoço são feitos na cantina. Esta instituição possui também um prolongamento de horário decorrente das 15h30 até às 18h00 onde o tempo é ocupado com diversas atividades e são acompanhados por uma monitora de Atividades de Tempos Livres.

A comunidade escolar, no ano letivo de 2013-2014, era constituído por 89 crianças, cinco educadoras de Infância, sendo quatro delas titulares de turma. A educadora que não era titular estava no jardim em diferentes condições. Possui uma docente de Educação Especial, que apoia os alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). O JI contou ainda com oito assistentes operacionais e quatro cozinheiras que eram comuns à escola do 1ºCiclo.

Apesar do edifício onde o JI funciona já ter alguns anos, dispõe de boas instalações, apresentando condições satisfatórias de habitabilidade e segurança ocorrendo constantemente a melhoramentos.

No interior do JI, encontra-se ao dispor das crianças um Hall (Figura 1) onde se encontram placares com informações, situa-se a biblioteca com espaço para leituras. Uma das salas do JI possui televisão e tem como função acolher as crianças da parte da manhã. Desempenha também a função de ginásio para as atividades de expressão corporal e movimento. Tendo em conta as suas dimensões é também usada várias vezes como local de partilha de atividades com as restantes crianças. Dispõe de quatro salas destinadas a cada grupo existente no JI, duas instalações sanitárias para as crianças e uma para os adultos. A instituição tem também duas salas destinadas ao prolongamento de horário, um gabinete para as Educadoras de Infância; um espaço destinado a

arrumações de instrumentos musicais, material de laboratório, jogos, material da praia, entre outros; e um refeitório amplo no entanto não possui cozinha convenientemente equipada visto que as refeições são confeccionadas na cozinha do 1ºCiclo.



Figura 1 - Hall do JI e Biblioteca

O espaço exterior do edifício (Figura 2) é usado para momentos de jogo livre. O local é amplo e tem à disponibilidade das crianças uma zona com espaço verde, onde as crianças podem conviver, brincar e partilhar entre si. As crianças podem usufruir de um parque infantil, cujo equipamento se encontra de acordo com a legislação em vigor. É também um espaço apropriado para ser usado nos momentos de acolhimento, de recreio, depois da hora de almoço e na hora do ATL, sempre que o tempo permitir. O parque situa-se na parte da frente do edifício e está vedado por grades de madeira, para na hora do recreio ser mais fácil o controlo das crianças, quer do pré-escolar, quer do 1º Ciclo. Para melhor segurança das crianças o pavimento é de borracha para evitar pequenos e grandes acidentes.

No espaço exterior podemos ainda encontrar uma horta, onde as crianças realizam as suas plantações.



Figura 2 - Espaço Exterior do JI

1.3. Caracterização da sala de atividades

A PES decorreu numa sala de atividades constituída por 23 crianças, sendo que nove eram meninos e 14 meninas. A educadora responsável pela sala contava com a ajuda diária de uma assistente operacional. Especificando o ambiente educativo do estudo, particularmente a sala, este espaço encontra-se dividido em diversas partes (anexo 1):

- x Uma mesa central, onde se tem os momentos de grande grupo, onde se realiza a maioria dos trabalhos e rotinas;
- x Um espaço onde se encontra o lavatório e um armário com materiais não acessíveis às crianças;
- x Em redor da mesa central encontramos as 14 áreas lúdicas que estão ao dispor das crianças. Áreas delimitadas e separadas umas pelas outras, permitindo uma boa organização do trabalho. Continham os materiais apropriados e relativos a cada área de modo a promover aprendizagens que ficarão para o resto da vida. As crianças usufruem assim das seguintes áreas: área da casinha (Figura 3), área das construções/jogos de chão (Figura 4), caixa de areia (Figura 5), área da costura (Figura 6), área dos jogos de mesa (Figura 7), área do computador (Figura 8), área do quadro preto (Figura 9), área da pintura (Figura 10), área da modelagem (Figura 11), área do desenho (Figura 12), área da colagem (Figura 13), área da escrita (Figura 14), área dos projetos (Figura 15) e a área da biblioteca (Figura 16).
- x Além de todos os espaços para as áreas a nossa sala ainda possui um Hall onde ficavam as mochilas, os casacos, e onde fica a mini biblioteca, uma mesa e alguns materiais, como cartazes.



Figura 3 - Área da Casinha



Figura 4 - Área dos jogos de chão/construções



Figura 5 - Área da caixa de Areia



Figura 6 - Área da Costura



Figura 7 - Área dos jogos de mesa



Figura 8 - Área do computador



Figura 9 - Área do quadro preto



Figura 10 - Área da pintura



Figura 11 - Área da modelagem



Figura 12 - Área do desenho



Figura 13 - Área da colagem



Figura 14 - Área da escrita



Figura 15 - Área dos projetos



Figura 16 - Área da Biblioteca/Hall de Entrada da Sala

Tendo em conta a organização da sala de pré-escola conclui-se que esta estava organizada conforme o modelo High/Scope, onde “ Um ambiente de aprendizagem activa dá às crianças oportunidades permanentes para realizar escolhas e tomar decisões.” (Hohmann & Weikart, 1995, p. 7).

1.4. Caracterização do grupo

O grupo em estudo era heterogéneo sendo assim constituído por 22 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. O sexo feminino era predominante na sala, tendo 13 meninas e 9 meninos, sendo que três crianças tinham 3 anos, catorze crianças tinham 4 anos, três crianças tinham 5 anos e duas crianças tinham 6 anos.

As crianças formavam um grupo bastante interessado, participativo, ativo, mostrando empenho e concentração nas tarefas que lhes eram propostas. Era perceptível o gosto por novos desafios, tendo a necessidade de se expressarem e de comunicarem com os colegas e com o adulto sobre as suas descobertas.

Numa observação direta foi possível perceber que existia um espírito de entreajuda no grupo, principalmente entre as crianças mais novas e mais velhas. Este espírito de entreajuda leva-nos à Área de Formação Pessoal e Social que pretende que as crianças aprendam a ser cidadãos críticos, solidários e humanos, o que foi constatado no grupo de crianças.

Visto serem um grupo muito participativo, tornavam o ambiente algumas vezes barulhento que era pacificado através de batimentos rítmicos e canções. Este era um método a que as crianças já estavam habituadas e que resultava de imediato. Eram também capazes de realizar as tarefas autonomamente. Apenas a criança com Necessidades Educativas Especiais apresentava dificuldades, no entanto com o auxílio de um adulto conseguia realizar a maioria delas.

Relativamente à Área de Expressão e Comunicação, esta apresenta-se dividida em seis domínios: expressão motora; expressão plástica; expressão dramática; expressão musical; domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e o domínio da matemática.

No decorrer da PES foi possível identificar, que este era um grupo com interesse pelas áreas ligadas ao trabalho autónomo, nomeadamente pelas colagens, desenhos e modelagem, jogos calmos, construções. Em relação à expressão dramática as OCEPE (1997) referem que este domínio pode ser uma forma “de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio em relação com o(s) outro(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais” (p.59). Todas as crianças do grupo eram capazes de recriar situações do dia-a-dia e situações que as próprias criavam. Este recriar de situações eram constantemente trabalhadas, no entanto era na área da casinha que se

observava as crianças a desempenhar os mais variados papéis relacionados com o seu quotidiano e com o seu imaginário.

O domínio da expressão musical é mencionado nas OCEPE com cinco eixos fundamentais: escutar, dançar, cantar, tocar e criar. Desde o início da PES que as crianças mostraram sempre uma aptidão especial para o cantar, no entanto também eram capazes de identificar diferentes instrumentos musicais e até de os manusear, assim como eram capazes de reproduzir diversos ritmos, nunca esquecendo a exploração dos diferentes timbres, intensidade (fraco e forte) e alturas (agudos e graves). Este era um domínio que agradava a todas as crianças do grupo mas em especial à criança de NEE que se mostrava mais calmo quando se trabalhava a expressão musical.

Ao nível do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, as metas de aprendizagem (ME-DGIDC, 2010) dizem que a criança deve ser capaz de conseguir narrar, recriar experiências, papéis, e utilizar nos seus diálogos palavras que aprende. A maioria do grupo expressava-se com facilidade, apenas os mais novos tinham algumas dificuldades. No entanto, estas dificuldades eram combatidas com os recontos das histórias e pelos momentos de partilha com o grupo. Eram também um grupo de crianças que tinha um grande interesse pelas histórias demonstrando curiosidade por novas palavras, querendo sempre saber o significado das mesmas. Em relação à linguagem escrita, as crianças eram capazes de escrever o seu nome sem ajuda, só as crianças de 3 anos e a criança com NEE o escreviam através da imitação. Reconheciam todas as letras do abecedário, assim como o lugar que elas ocupam sendo capazes de identificar letras anteriores, posteriores ou que ficassem no meio.

As metas de aprendizagem (ME-DGIDC, 2010) dizem-nos que é na educação pré-escolar que as crianças começam a construir a sua relação com a matemática. Logo o educador deve proporcionar experiências diversificadas e apoiar a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam construir as suas noções matemáticas (OCEPE, 1997). Podemos dizer que as crianças do grupo em estudo tinham contato com o domínio da matemática diariamente. Eram capazes de fazer contagens, reconheciam os números, identificavam e construíaam padrões, identificavam semelhanças e diferenças entre objetos agrupando-os segundo diferentes critérios, reconheciam e nomeavam as várias figuras.

A área de conhecimento do mundo está relacionada de certo modo com todas as áreas de conteúdo (OCEPE, 1997). As crianças devem ter então contato com o meio próximo, deve ser sensibilizadas para as ciências tendo contato com diferentes domínios do conhecimento humano como a história, a geografia, a biologia que apesar de ser feito de forma elementar e adaptado às crianças em idade pré-escolar deve ser feito com rigor científico. Esta era uma área trabalhada constantemente com as crianças. Diariamente eram abordados temas como a meteorologia, meses, estações do ano, o que levou as crianças a conseguir identificar facilmente os mesmos.

1.5. Limitações do contexto na aplicação do projeto

Ao nível das limitações do contexto no qual foi desenvolvida a unidade curricular de PESII pode-se evidenciar algumas como: o ginásio disponível na instituição não ter o tamanho adequado para as crianças realizarem as sessões de motricidade e as atividades decorrentes ao longo do ano que envolvem a comunidade escolar. Outra das limitações encontradas neste estudo foi o calendário escolar que provocou um ritmo mais ligeiro para que se pudesse dar resposta a todas as atividades a que o projeto e o calendário escolar se propunham.

PARTE II

1. METODOLOGIA ADOTADA

Este capítulo explica a metodologia em que este estudo se fundamenta. Logo é apresentada uma justificação da escolha da metodologia, a descrição do projeto e as vantagens/desvantagens do método de investigação a utilizar.

São também apresentados os instrumentos de recolha de dados utilizados no decorrer do projeto assim como o plano de ação e as questões éticas que se devem ter em conta no presente relatório.

Não esquecendo as necessidades do grupo de crianças em que este estudo se desenvolveu foi perceptível a importância de se dar resposta à problemática nele identificada – pouca frequência de atividades musicais.

1.1. Seleção da Metodologia de Investigação

Consideremos dois paradigmas de investigação, qualitativa e quantitativa. Uma e outra detém perspetivas diferentes no entanto podem ser usadas simultaneamente em estudos mistos.

Numa investigação qualitativa os resultados podem ser temporários, ou seja, o investigador não pode ser neutro, visto que tira proveito das experiências de vida e das suas vivências sociais.

Tomando conhecimento das variadas implicações que envolvem um estudo onde o investigador é participante ativo, a escolha de uma metodologia qualitativa apoiou esta investigação, assim como os métodos de recolha de dados selecionados foi propício a uma melhor análise de dados.

Para Ludke & André (1986) a investigação qualitativa adota diferentes desenhos como o estudo de caso e a investigação etnográfica. Ambas tem alcançado uma aceitação e credibilidade na área da educação.

Bell (1997) afirma que os investigadores isolados seguem um método de estudo de caso particular uma vez que simplifica o aprofundamento de determinado problema num reduzido espaço de tempo. Logo, posso considerar que optei por uma investigação-ação e com uma metodologia um estudo qualitativo, visto este se enquadrar no meu

projeto uma vez que, é desenvolvido nas intervenções e possuiu um acompanhamento do investigador, onde o objetivo era dar resposta à questão de investigação e obter a compreensão dos factos e não numa análise estatística, tendo como objetivo principal a melhoria das práticas educativas, indo de encontro ao que é definido por Bodgan e Biklen

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. (1994, p. 49)

A investigação qualitativa possui cinco características: tem como fonte direta de dados o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; é descritiva; os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que apenas pelos resultados dos projetos; analisam os dados de forma indutiva e por último o significado é de interesse vital na abordagem qualitativa.

Foi apoiada na investigação qualitativa que se deu resposta à questão de investigação: Qual o impacto da música erudita nas crianças em idade pré-escolar?

1.2. Investigação-ação

Atendendo à pertinência deste estudo, considera-se oportuno que este estudo se oriente sobre uma investigação-ação.

Neste estudo foi seguido o modelo de estruturação de Elliot (1991) que se alicerça em três ciclos essenciais: no primeiro ciclo foi formulado o problema, traçou-se os objetivos e fez-se a proposta do projeto.

Aceite e aprovado o projeto em questão, avançou-se para o segundo ciclo onde se construiu as planificações a implementar tendo em conta as faixas etárias e o desenvolvimento das crianças e de modo a que se promove-se atividades integradoras face à problemática, bem como a escolha dos instrumentos de recolha de dados a utilizar.

Já o terceiro e último ciclo diz respeito à concretização do projeto, passando assim da teoria para a prática. É neste ciclo que o público-alvo participa de forma ativa, envolvendo-se e dando respostas aos desafios colocados. É também neste último ciclo que foram descritos, analisados e interpretados os dados recolhidos, onde é evidenciado

que a investigação desenvolvida foi adequada ao público-alvo dando resposta à questão orientadora da investigação.

Elliot (1991) evidencia que uma condição necessária para o desenvolvimento da investigação-ação é a necessidade de introduzir mudanças. Bodgan e Biklen (1994) defendem que a investigação deve ser realizada sob um teor de características essenciais que confirmam validade, rigor e sistematicidade, sendo assim esta modalidade de pesquisa compreensiva e rigorosa; sistemática; crítica e suscetível a uma análise reflexiva.

1.3. Participantes

No desenrolar do projeto, foram desafiadas vinte e duas crianças pertencentes à sala onde decorria o estágio da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II.

Embora seja um grupo com idades heterogêneas foi essencial o requisito de o grupo ser muito curioso com o que os rodeia e o querer sempre mais.

Todas as crianças participaram ativamente no desenrolar do projeto, por isso foram criados códigos de identificação para cada uma de modo a assegurar o anonimato.

Tabela 1 - Códigos dos participantes

Idade	Género	Código das crianças	Nº das crianças
3	Feminino	-	-
	Masculino	DB; JM; QP	3
4	Feminino	CR; DS; EC; IP; LF; LS; MO; MM; MSC; MC;	10
	Masculino	GM; HR; JC; JR;	4
5	Feminino	EM; SF	2
	Masculino	TL	1
6	Feminino	MN	1
	Masculino	RN	1
Total			22

É importante ainda referir que este projeto teve a participação da equipa de investigação, nomeadamente, o meu par pedagógico, o meu orientador, a educadora cooperante e a auxiliar de ação educativa.

1.4. Instrumentos de Recolha de Dados

De acordo com Esteves (2008) “ a difusão dos métodos qualitativos na área das ciências sociais e da educação e a crescente aceitação que a academia lhes tem conferido é um fenómeno que perpassa também pela investigação-ação.” (p. 76).

Este estudo foca-se numa abordagem qualitativa e a opção por este método determina a necessidade de perceção do “mundo dos alunos do ponto de vista dos próprios alunos, já que eles são os seus principais informantes” (Hubbard & Power, citados por Esteves, 2008, p.77).

Tal como é defendido por Bodgan e Biklen (1994) pretende-se compreender a realidade partindo do ponto de vista e interesse dos participantes, destacando a descrição e análise indutiva dos dados que se centram sobretudo no processo, mais do que nos resultados. O que levou a que desempenhasse um “papel de participante completo, isto é, de investigador que estuda um contexto no qual participa integral e quotidianamente pela natureza do seu trabalho e não apenas para efetuar investigação” (Esteves, 2008, p.87).

Assim, houve o cuidado de assumir uma postura reflexiva e minimizadora da influência de crenças e experiências de vida prévias como é defendido por Sampieri, Collado e Lucio. (2006).

Tendo em conta a questão de investigação formulada para este estudo foram decididos quais os instrumentos de recolha de dados que seriam usados no estudo, sendo eles a observação direta e participante e os registos audiovisuais.

1.4.1. Observação

Ao longo desta investigação um dos instrumentos de recolha de dados que se utilizou foi a observação direta e participante. Neste sentido, foi uma investigação onde investigadora e o par pedagógico se tornaram essenciais elementos na recolha de dados através da observação. Os registos efetuados eram oportunamente traçados e analisados com a equipa de investigação fortalecendo a afirmação de Estrela (1990, p.26)

que “todos os educadores, qualquer que seja o grau de ensino em que exerçam, deveriam sentir-se implicados nas investigações que digam respeito ao seu campo de atividade deveriam poder participar, isto é, pertencer à equipa de investigação.”

Esta investigação fundamentou-se numa observação em que o observador pode participar nas atividades nunca esquecendo o seu papel e nas reações e respostas dadas pelas crianças que foram feitas no decorrer do processo, considerando-os como um resultante da resposta dos indivíduos a um conjunto de estímulos (Estrela, 1990).

1.4.2. Registos audiovisuais

Este tipo de registo é sem dúvida uma mais-valia e um complemento para este estudo, como realçam Bodgan e Biklen (1994), para uma boa sucessão de um estudo é necessário o investigador observar e registar constantemente, as ações desenvolvidas pelos observados e os vídeos e as fotografias facilitam a sua análise.

Este é um instrumento de recolha de dados que, como todos os outros tem as suas vantagens e desvantagens. Deste modo, a vantagem deriva do facto do uso do vídeo e das fotografias possibilitarem um registo da ação e das expressões de todos os intervenientes. Por outro lado, em relação às desvantagens, houve o cuidado de não condicionar o grupo em estudo, fazendo com que se inibam ou que tenham comportamentos que não vão de encontro com o pretendido.

Sendo assim, todas as intervenções das crianças foram registadas e datadas, uma vez que permite ao investigador posteriormente recordar e perceber o contexto e o ambiente de uma certa ação, tal como refere Moura (2003).

1.5. O Projeto

“A música erudita em contexto pré-escolar” é um projeto desenvolvido com crianças em idade pré-escolar e que pretendeu mostrar que as crianças são capazes de escutar, trabalhar e brincar articuladamente a música clássica/romântica combatendo estereótipos com que nos deparamos perante a sociedade.

Considerou-se este um tema pertinente devido ao facto de que se deve trabalhar

desde cedo com as crianças a expressão musical como vemos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p. 64): “ *A expressão musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar (...)*”. Similarmente o facto de a música ser uma das formas lúdicas de a criança adquirir aprendizagens, de despertar a sensibilidade e a criatividade torna o tema trabalhado ainda mais adequado para as crianças em questão que são sedentas por o que as rodeia.

No decorrer deste projeto nunca se quis que as crianças apenas aprendessem canções mas sim que tivessem contacto com novas experiências que a música lhes permitiria ter. A ideia de sensibilizar as crianças para a música erudita, de as aproximar a um património mundial, que tem sido muitas vezes, esquecido no decorrer dos tempos, de lhes mostrar que a música traz sempre algum “segredo” esteve assim presente em todas as atividades realizadas.

Este projeto possui uma versão formativa e lúdica onde se foi articulando com os excertos musicais as diversas áreas e domínios presentes nas OCEPE.

A abordagem escolhida foi a de em cada sessão relacionar um excerto musical com uma das expressões ou domínios criando assim uma transversalidade e uma oportunidade de trabalhar de diversas maneiras mas sempre com o mesmo propósito.

Foram assim desenvolvidas no decorrer do projeto cinco atividades todas no mesmo seguimento:

- (i) Música e Expressão;
- (ii) Música e sensibilidade/atenção;
- (iii) Música com brinquedos;
- (iv) Vamos construir?
- (v) Vamos tocar!

Foi de todo importante mostrar com este projeto que as crianças são sensíveis à música erudita e que sendo mostrada da forma certa são capazes de a absorver como o fazem com as músicas que diariamente cantam, escutam e dançam.

1.5.1. Objetivos do Projeto

É certo que todos temos os nossos gostos particulares e portanto a música erudita é vista por uma maioria da sociedade como algo que só alguns entendem ou só determinado extrato social tem acesso e é mesmo renegada por outros.

A ideia principal deste projeto foi permitir às crianças um primeiro contato com a música clássica/romântica de maneira divertida e de modo a não criar falsas ideias e determinados estereótipos.

Ficaram então definidos os seguintes objetivos para o projeto:

- x Desenvolver a sensibilidade auditiva e atenção da criança;
- x Possibilitar às crianças contacto com a música erudita;
- x Promover a criatividade através da construção dos instrumentos assim como despertar as crianças para a diversidade de instrumentos musicais;
- x Mostrar que a expressão musical é um domínio importante na Educação Pré-Escolar;
- x Reforçar a ligação entre a escola-família;
- x Potenciar aprendizagens divertidas e lúdicas através da música erudita.

1.6. Atividades

Gordon (2000a, p. 39) diz-nos que “A forma como se pode dar às crianças uma orientação informal estruturada e não estruturada em música, (...), é um aspeto fulcral do modelo de ensino.”, daí este projeto ter criado um conjunto de atividades propício a que as crianças pudessem interagir de maneira a obter melhores efeitos.

A preferência pela execução de atividades onde se envolvessem áreas e domínios distintos possibilitou uma perceptível transversalidade, dando também hipóteses à espontaneidade e criatividade das crianças.

Estas sessões foram dinamizadas e pensadas para que as crianças se envolvessem. Sendo assim, para dar resposta à questão de investigação, foram realizadas as atividades que se traçam a seguir.

1.6.1. Música e Expressão: O Coelho Alberto

Objetivos

- Desenvolver a sensibilidade auditiva e a atenção
- Fazer correspondência entre música e história
- Identificar o problema presente na história
- Recontar a história

Descrição

A primeira sessão foi dedicada ao 3º andamento da Sinfonia Clássica nº 1 de Sergei Prokofiev. As crianças depois de ouvirem o excerto da obra realizam um pequeno diálogo sobre o que ouviram (se gostaram do que ouviram? Se é a primeira vez que ouvem música parecida?) e sobre o que será possível fazer com a música (se só se pode ouvir, ou dançar, ou ler uma história com ela, ou cantar, entre outras). Depois do diálogo, a estagiária informa as crianças que a música tem uma surpresa, tem uma história escondida, e depois disso lê às crianças a história do Coelho Alberto em simultâneo com a música.

A história foi contada com expressividade e ao ritmo da música. Foi apresentada também em suporte de livro (A4) construído pela estagiária. No final, em conjunto as crianças recontaram a história.

Avaliação

- Correspondência correta de determinado momento da música com a história
- Reconta a história usando a sequência correta
- Identifica as personagens principais da história

Materiais

- Livro com a história do Coelho Alberto (anexo 2)
- 3º Andamento da Sinfonia Clássica nº 1 de Sergei Prokofiev

1.6.2. Música e sensibilidade/atenção

Objetivos

- Desenvolver a sensibilidade auditiva e a atenção
- Fazer correspondência entre música e história
- Identificar o problema presente na história
- Contar a história.
- Recriar a história.

Descrição

Através da Hungarian Dance 3 de Johannes Brahms a estagiária informa as crianças que a música lhes contará uma história.

A história será contada no fantocheiro. Terá 4 personagens: a princesa, o príncipe, a bruxa e o herói. Ao longo da música as personagens irão interagir, sem recorrer à linguagem falada entre elas. Todo o desenrolar da história será ao ritmo da música visto existirem determinados momentos para cada ação/cena da história.

Contada a história, as crianças foram estimuladas a recriarem a história. Foi escolhida uma criança para cada personagem para recriarem/ representarem a história ao ritmo da música.

Avaliação

- Correspondência correta de determinado momento da música com a história
- Reconta a história usando a sequência correta.
- Identifica as personagens da história
- Recria a história

Materiais

- Hungarian Dance 3 de Johannes Brahms
- Príncipe
- Princesa
- Herói
- Bruxa

1.6.3. Música com brinquedos

Objetivos

- Identificar os vários brinquedos através do som presente na sinfonia
- Fazer correspondência entre o brinquedo e a música
- Desenvolver a sensibilidade auditiva e a atenção

Descrição

Sessão dedicada para a audição do excerto da “Sinfonia dos Brinquedos” de Leopold Mozart. Depois de uma primeira audição foi perguntado se reconheciam algum som na música e o que lhes parecia que estava a produzir o som. Os instrumentos que as crianças não identificarem foram sugeridos pela estagiária, e só depois é que foram incentivadas a identificar o brinquedo e o momento correspondente na obra musical. Depois de identificados os brinquedos presentes na “Sinfonia dos Brinquedos” foi realizado um exercício com base na pulsação para que as crianças interiorizem melhor a referida obra musical.

Avaliação

- Identifica os brinquedos presentes no excerto apresentado
- Faz correspondência do brinquedo ao momento da música

Materiais

- Sinfonia dos Brinquedos de Leopold Mozart

1.6.4. Vamos construir?

Objetivos

- Construir instrumentos não convencionais e identificar a importância da sua construção.
- Promover a criatividade através da construção dos instrumentos
- Despertar as crianças para a diversidade de instrumentos
- Explorar diferentes tipos de materiais
- Desenvolver a motricidade fina

Descrição

Atividade destinada à construção do próprio brinquedo/instrumento para fazer o acompanhamento da sinfonia dos brinquedos.

Foram colocados vários materiais à disposição das crianças para que construam os instrumentos ao seu gosto para executarem o acompanhamento do excerto trabalhado de anteriormente. Foram usados materiais como rolos de cartão (rolos de papel higiénico), copos de iogurte, cascas de nozes, folhas de jornais, caixas, etc.

Avaliação

- Projeta um instrumento/brinquedo
- Manipula corretamente os materiais
- Constrói um instrumento

Materiais

- Caixas
- Tintas
- Folhas
- Rolos de cartão
- Copos de iogurte

1.6.5. Vamos tocar!

Objetivos

- Controlar o uso dos instrumentos
- Manusear o instrumento corretamente
- Despertar as crianças para a diversidade de instrumentos
- Estimular as crianças para o uso dos instrumentos contruídos em outras músicas.

Descrição

Sessão destinada ao uso dos instrumentos construídos pelas crianças. Foi feita a junção dos instrumentos ao excerto da sinfonia dos brinquedos. Num primeiro momento as crianças realizaram alguns jogos rítmicos como base na marcação da pulsação, marcação no início e no final de algumas frases rítmicas, entre outras, para explorarem e se familiarizarem com os instrumentos. Posto isto, foi feita a junção à sinfonia com os instrumentos.

Avaliação

- Uso correto do instrumento
- Consegue fazer o acompanhamento correto no excerto

Materiais

- Instrumentos construídos pelas crianças
- Instrumentos triângulo, maracas, clavas
- Excerto da sinfonia

1.7. Questões Éticas

No decorrer de uma investigação são algumas as normas éticas que se devem ter em conta e que cabe ao investigador respeitá-las. Tuckman (2000) afirma que o investigador precisa de ter em conta os seguintes princípios que antecedem qualquer investigação: preservar a integridade física, mental e moral dos participantes; comprometer-se a confidenciar os resultados obtidos e seguir aos princípios deontológicos da investigação na área científica em que o investigador atua.

Portanto, no presente estudo foram codificados os diferentes participantes sendo utilizadas as iniciais do nome próprio e do apelido de cada um tendo em conta que:

“O princípio da responsabilidade ética e a garantia da salvaguarda dos seus direitos, interesses e sensibilidades são quesitos morais que requerem tanto mais a interpelação da consciência do investigador, quanto menor é a capacidade defensiva que as crianças têm.” (Esteves, 2008, p.107).

1.8. Plano de ação

A organização do plano de ação resultou em uma sequência de atividades que se desenvolveram no segundo semestre do ano letivo de 2013/2014. No entanto é importante salientar que anteriormente, no primeiro semestre na PES I, foram realizadas observações de maneira a diagnosticar a problemática que viria a ser estudada.

Na tabela 2 é apresentada a calendarização geral do trabalho efetuado desde o início até ao término do mesmo.

Tabela 2 - Plano de Ação

Data	Ação
novembro de 2013	Identificação do problema
a	Questões de investigação
fevereiro 2014	Delineamento dos objetivos a alcançar
	Pesquisa literária
março de 2014	Enquadramento teórico Escolha da metodologia a usar
abril de 2014	Elaboração do plano de atividades/planificações
maio e junho de 2014	Implementação das atividades e análise de dados recolhidos
junho e julho de 2014	Reflexão das implementações
julho de 2014 até junho de 2015	Redação do trabalho escrito

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo inclui um enquadramento do estudo onde consta uma análise à literatura disponível alusiva ao mesmo. Os pressupostos deste projeto são o reflexo de uma observação empírica face a um contexto educativo, particularmente, o pré-escolar.

Uma vez que é importante o desenvolvimento da expressão musical e se considerar fundamental a exploração com crianças em idade pré-escolar, sustentamos na perspetiva de diferentes autores para defender aspetos determinantes para este estudo como: a importância da música na educação pré-escolar; as pedagogias da música e o brincar na educação pré-escolar.

2.1. Importância da música na Educação Pré-escolar

A música é uma necessidade humana que transpõe a variedade cultural e a idade. Desde cedo que faz parte da vida da criança mesmo antes do seu nascimento, estando assim entre as primeiras experiências sociais que esta usufrui. Experiências descobertas com a família, com a escola, entre outras. (Gordon, 2000b)

A expressão musical no pré-escolar gira “em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar.” (OCEP, 1997, p. 64). É através deles que se explora e desenvolve o sentido rítmico, a sensibilidade auditiva e afetiva, bem como se estimula as potenciais criações das crianças. Tendo a música como seu principal e fundamental aliado o som, é importante que se privilegie experiências auditivas e orais, promovendo o desenvolvimento do ouvido musical, da sensibilidade auditiva e do sentido rítmico de cada criança.

Como dito anteriormente, o contacto com a música feito pela criança é uma das primeiras experiências sociais que esta tem com a família ou mesmo no pré-escolar.

Sendo que o que a criança aprende nos seus primeiros cinco anos de vida forma apoios para todo o desenvolvimento educativo (Gordon, 2000a), logo quanto mais cedo os pais ou educadores iniciarem a criança numa orientação informal, melhor aproveitamento a criança tirará da educação futura. Sempre que for feito informalmente poderá ser estruturado ou não, tendo a particularidade de os pais ou os professores não

impõem informações nem aptidões à criança, dando valor a atividades, sequências naturais e a reações naturais das crianças. No entanto, não existem melhor orientação informal do que aprenderem música quando estão distintas crianças em grupo. Nos casos onde não se verifica orientação informal é sabido que “pouco aproveitarão da educação musical formal depois das suas aptidões musicais terem já estabilizado” (Gordon, 2000a). Da mesma forma que as crianças em idade pré-escolar constroem os alicerces do seu vocabulário de audição e fala muito antes de entrarem para o 1º ciclo, se não se criarem os alicerces firmes para a criança aprender música antes de ingressar no pré-escolar ou na escolaridade obrigatória, os problemas da educação musical poderão ser uma constante ao longo da vida.

A música é única para os seres humanos e, como as outras artes, é tão básica como a linguagem para a existência e o desenvolvimento humanos. Através da música, as crianças aprendem a conhecer-se a si próprias, aos outros e à vida. (Gordon, 2000a, p. 6)

Uma vez que a criança não passa um dia sem ouvir música, seja de que maneira for, é benéfico que a compreendam e que se envolvam nela.

Como é possível constatar no Manual de Investigação em Educação de Infância (2002), as investigações feitas até hoje, mostram que a música pela música pode dividir-se em oito tópicos: preferências, aptidão musical, cognição musical, audição, percepção, competências de execução, prática e aspetos culturais.

Seguindo a questão orientadora do estudo que estamos a desenvolver, é importante que se dê destaque a alguns tópicos como é o caso das preferências musicais. Foi possível apurar que existem três hipóteses sobre as preferências musicais: a repetição, onde aquilo que se ouve mais vezes é o que se torna predileto; as influências sociais ou seja, as crianças adequam as suas preferências segundo as pessoas que as rodeiam, pessoas importantes para elas, como é o caso dos pais ou dos professores; e por último, o estilo, que nos leva às particularidades próprias da música como o andamento que poderá tornar a música mais rápida ou lenta, o meio de execução onde poderemos ter variados instrumentos. Perry e Perry *in* Spodek (2002) concluiu que as crianças de quatro anos têm gostos ecléticos no que diz respeito à música, gostando não só de música popular como também de música erudita, no entanto por volta dos cinco ou seis anos acontece um desvio da música clássica para a popular. Este afastamento da

música clássica poderá ser minimizado através da exposição com regularidade das crianças à música clássica durante o pré-escolar.

Também a aptidão musical desempenha um papel fulcral na compreensão da música por parte das crianças. No entanto, convém diferenciar aptidão musical de desempenho musical. Por aptidão musical devemos entender que é o potencial que a criança tem para aprender música; já desempenho musical é a constatação do que a criança aprendeu comparativamente à aptidão musical. Gordon defende que “Todas as crianças nascem com pelo menos alguma aptidão para a música” (Gordon, 2000a, p. 15), umas com potencialidades mais elevadas que outros no entanto todos com aptidões para a música. A aptidão da criança é afetada pelo meio em que vive, apesar de ser natural. Tendo por base os argumentos indicados, é importante que a criança ouça música desde cedo, que viva num ambiente musical rico de maneira a que as aptidões musicais ganhem uma direção consistente para permanecer ao longo da vida e não que se perca à medida que os anos vão passando.

Tendo a música como seu principal e fundamental aliado o som, é importante que se privilegie experiências auditivas e orais, que se desenvolva o ouvido musical, a sensibilidade auditiva e o sentido rítmico da criança. Willems (1970, p. 60) refere que “Quanto mais formos sensorialmente sensíveis ao som, mais descobriremos as suas diferentes qualidades, os diferentes elementos: altura, intensidade, timbre, sons harmónicos, sons resultantes, etc.”

2.2. Pedagogias da música

É unânime para todos nós que a música é importante no desenvolvimento e na educação da criança (Gordon, 2000a).

Desde o início do séc. XX que os métodos teóricos e intelectuais foram gradualmente deixados de utilizar, concedendo oportunidade a métodos que permitem considerar os interesses e as necessidades das crianças.

São muitos os pedagogos que se baseiam na criança, criam atividades seguindo as suas necessidades. Falamos de pedagogos como Dalcroze, Kodaly, Carl Orff, Edwin Gordon, entre outros. Todos eles se regiam por «Métodos ativos», baseando-se nas vivências das crianças e de que a educação musical é acessível a toda a gente.

Seguidamente é apresentado os fundamentos de vários pedagogos:

Jacques Dalcroze (1865-1950) pedagogo pioneiro no que diz respeito aos métodos ativos. Nasceu em Viena mas viveu parte da sua vida na Suíça. Parte da sua vida foi dedicada a compor peças e canções de carácter didático. Dalcroze, no seu método ativo, tinha como objetivo explorar o sentido da música através movimento. Depois de escutar um determinado trecho musical, Dalcroze solicitava aos seus alunos que demonstrassem através de movimentos o que ouviram. Pode-se dizer que com este método o professor poderá tentar perceber de maneira mais eficaz se o aluno estava ou não a escutar a música atentamente e se a entendeu. Este foi um método que segundo Amado (1999, p. 41) “teve um êxito que ultrapassou largamente as fronteiras da Suíça e da Alemanha, continuando hoje a ser utilizado noutros países.”

Zoltan Kodály (1882-1967) baseia-se essencialmente na voz. É um compositor húngaro, e tem de sua autoria várias peças corais que foram feitas para serem interpretadas por crianças. No decorrer dessas interpretações, ele apercebeu-se que existiam dificuldades na leitura das partituras musicais. Logo concebeu um novo método de aprendizagem facilitando às crianças a leitura das partituras. Este método consiste no estudo da música através do canto.

Este método alcançou um enorme sucesso e foi rapidamente oficializado em todas as escolas da Hungria. As crianças tornavam-se assim conhecedoras dos elementos da música através do canto e foi através da utilização deste método que Kodály deu a conhecer a música tradicional do seu país incluindo os grandes repertórios clássicos.

Carl Orff, pedagogo nascido em Munique em 1895 e veio a falecer em 1982 também em Munique. Foi co-fundador da escola de Gunther, onde se modelou um género de composição baseada na improvisação dos bailarinos, sendo que o primeiro instrumento a ser explorado é o corpo, nomeadamente a voz e os batimentos das mãos e dos pés em diferentes partes do corpo.

Depois do sucesso do método em cima enunciado foi convidado a adaptá-lo para as crianças sem preparação musical. Seguindo esta orientação pedagógica, Orff, criou o método onde fazia uma abordagem da música baseada no ritmo e na linguagem. Método este que tem o objetivo de contrariar a escola tradicional e de avançar com a experiência antes da compreensão, ou seja, antes da criança conhecer as figuras musicais e o seu valor, ela vai conseguir realizar ritmos batendo com as mãos, os pés,

em mesas, ou em outros objetos.

Carl Orff criou instrumentos de percussão (feitos com lâminas de metal ou com lâminas de madeira) que fossem utilizados pelas crianças. Sendo a manipulação do instrumento semelhante aos movimentos corporais. Ele defendia que desde cedo a criança devia estar em contacto com a música instrumental.

Edwin Gordon nasceu no ano de 1927 nos Estados Unidos. Tem trabalhado até aos dias de hoje no âmbito da investigação musical, nomeadamente na área da psicologia da música. Também é importante que se realce o importante papel que Gordon tem tido no desenvolvimento da Teoria de Aprendizagem Musical. Com a Teoria de Aprendizagem Musical (2000b), Gordon não pretende transmitir um novo processo para o ensino da música, mas sim transmitir uma teoria sobre o desenvolvimento musical em crianças recém-nascidas e em idade pré-escolar. Tem como parâmetros da teoria de aprendizagem o ouvir, interpretar, ler, escrever e criar.

Uma das suas preocupações é o processo pelo qual se aprende música, por isso mesmo dá importância à diferença entre educação em música e orientação em música. Segundo Gordon quando falamos em educação referimo-nos a algo formal, já orientação remete-nos para o informal, referindo que:

A orientação informal pode ser estruturada e não estruturada. Quando a orientação não é estruturada, os pais ou professores põem a criança em contacto com a cultura, naturalmente, sem planificação específica. Quando é estruturada, planeiam a lição especificamente. Uma característica marcante, quer da orientação estruturada quer da não-estruturada, é que nenhuma delas impõe informação ou competências à criança. Pelo contrário, as crianças são postas em contacto com a sua cultura e encorajadas a absorvê-la. (Gordon, 2000a, p. 7)

2.3. O brincar na Educação Pré-escolar

Desde cedo as crianças brincam. Assumindo que o brincar nos acompanha desde a infância, depreende-se que este tem um papel preponderante e significativo nas vidas das crianças e no seu desenvolvimento.

É sabido que se atribui ao brincar um carácter formal e informal. Em relação ao brincar formal a criança respeita ao longo da brincadeira regras que são estabelecidas previamente. No entanto, ao encarar o brincar como informal assume-se que a brincadeira é livre, não obedecendo a uma estrutura, a criança brinca livremente, manipulando os brinquedos da forma que desejar.

Garvey (1979) defende que “Brincar é um comportamento muito frequente em períodos de expansão intensa do conhecimento de si próprio, do mundo físico e social” (p. 7), tornando-se assim num fator importante no desenvolvimento pessoal da criança e no desenvolvimento do mundo que a rodeia. Como forma de promover esses desenvolvimentos Papalia e Feldman (2013) afirmam que brincar é uma atividade importante para o desenvolvimento saudável do corpo e do cérebro. Segundo os mesmos autores as crianças brincam pelo prazer que isso lhes traz.

É frequente que os adultos pensem que a criança no ato de brincar não deposite qualquer esforço, no entanto a criança investe muita da sua energia e do seu esforço uma vez que está a desenvolver algo que lhe é agradável.

Por isso, Catherine Garvey (1979) sugeriu que o brincar é agradável, divertido. Mesmo não sendo acompanhado por sinais de alegria é avaliado positivamente por quem brinca. Brincar não tem objetivos externos, e é uma atividade espontânea e voluntária requerendo algum envolvimento ativo dos participantes. Esta poderá ser uma definição de brincar que não esteja “conceitualmente pura” como referem Spodek e Saracho (1998, p. 211) no entanto é provavelmente a melhor definição que os educadores podem ter.

A brincadeira pode desenvolver-se de várias formas. Diversas são as teorias que encontramos sobre a brincadeira: teorias clássicas que tenta explicar porque as crianças brincam; teorias dinâmicas que não se preocupam em procurar entender porque as crianças brincam, simplesmente o aceitam e tentam esclarecer o conteúdo da brincadeira.

Spodek e Saracho (1998) defendem que pode ser feita uma distinção entre brincadeira educativa e brincadeira não educativa, assegurando que “ A diferença não está nas atividades e nem no grau de divertimento que as crianças extraem delas, mas sim nos objetivos atribuídos às brincadeiras pelas pessoas responsáveis pelas atividades das crianças.” (p. 215)

Quando se fala em brincadeira educativa e brincadeira não educativa é importante salientar as diferenças entre elas. A brincadeira educativa tem como objetivo a aprendizagem, a criança através da brincadeira aprende. Desempenha invariavelmente o papel de ser divertida e de causar satisfação à criança, não perdendo a essência da atividade lúdica. As brincadeiras educativas servem um propósito pedagógico ao mesmo tempo que se preserva também a função de satisfação pessoal da criança. Já quando se menciona brincadeira não educativa, este tipo de brincadeira não visa a aprendizagem e não tem um propósito pedagógico procura apenas a satisfação pessoal.

As crianças em idade pré-escolar realizam diferentes tipos de brincadeiras e tem também estilos diferentes de brincar. Contudo, brincar é para todas as crianças uma maneira divertida de aprender e, embora o façam de maneiras diferentes, todas elas fortalecem aptidões e competências imprescindíveis para o resto da vida.

3. DESCRIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Este capítulo é destinado à descrição, análise e interpretação de dados com base nos dados recolhidos através do suporte de vídeo, fotografias, reflexões das atividades provenientes das atividades conduzidas nesta investigação. Os registos foram realizados para que posteriormente às atividades fosse possível ao investigador atentar detalhes, ter outro ângulo sobre a atividade que no momento não foram observados. Portanto, neste capítulo serão especificadas as várias opções e procedimentos adotados durante o estudo. São apresentados os resultados obtidos em cada atividade, assim como uma avaliação global.

1. Música e Expressão: O Coelho Alberto

Conceito a trabalhar: Sensibilidade auditiva através de história

Síntese: Atividade realizada com o intuito de promover a sensibilidade auditiva e a atenção da criança. Foi concretizada com base no 3º andamento da Sinfonia Clássica nº1 de Sergei Prokofiev. Após a primeira audição foram confrontados sobre o que achavam e se gostavam da música e o que poderiam fazer com a música em questão. Seguidamente contou-se a história “O Coelho Alberto” (anexo 2) ao ritmo de Sergei Prokofiev.

Desenvolvimento da atividade:

A primeira sessão foi realizada no dia 5 de maio de 2014. Foram utilizados como materiais de trabalho um livro construído pela estagiária com a história do Coelho Alberto, e o 3º andamento da Sinfonia Clássica nº1 de Sergei Prokofiev.

Antes de passar a atividade propriamente dita, algumas das crianças estavam desatentas ao que se estava a passar na sala, algumas falavam entre si, olhavam para o lado, no entanto depois de partilhar com as crianças quem era o compositor e onde tinha nascido e visto o nome lhes soar estranho foi óbvio que a atenção foi desperta, ficaram ainda mais curiosos quando lhes foi dito que era o mesmo autor de “Pedro e o Lobo”,

obra que já tinham ouvido falar.

Num primeiro momento foi colocada a música para uma primeira audição. No decorrer da audição identificou-se que 3 das crianças (SF, MN, DS) já conheciam a música pois em determinados momentos executaram alguns gestos de acordo com a história, chegando mesmo a exclamar “É a do coelhinho.”. Embora já conhecessem a música não se tornou um entrave para o estudo mas sim uma motivação de abordar a atividade de forma distinta à que foi abordada anteriormente e até estimular as crianças conhecedoras da música a ir mais longe na atividade. A grande maioria das crianças mostraram-se animadas e atentas ao longo da música, as crianças DB, QP, MSC destacaram-se pela serenidade com que estiveram a ouvir a música.

No final da audição todos foram questionados sobre o que achavam da música, se gostavam dela ao que a resposta foi um sim uníssono mesmo as crianças que se mostraram mais serenas na audição.

Seguidamente foram também questionados sobre o que poderiam fazer com a música, e foram-se ouvindo respostas como:

“Podemos cantar.” (MM);

“Podemos fazer gestos.” (MO);

“Podemos pintar a música.” (DS)

“Fazemos os instrumentos para tocar a música.” (JM),

“Podemos fazer um desenho da música e quando a música dissesse essa parte levantamos.” (MO).

Esta última afirmação fez com que se levantasse a questão de que “partes” é que a criança MO estava a falar e se a música tinha algum coelho depois da afirmação das 3 crianças conhecedoras da música e da história. Para o esclarecimento de todos foi colocada uma segunda vez a música para todos ouvirem e perceberem que afinal na música não existe um coelho como diziam. Posto isto foi dito às crianças que a música tinha uma surpresa, que tinha uma história escondida ao que a criança MM perguntou impaciente: “Oh Vera tu vais contar a história?”

No decorrer da leitura foi lida com expressividade e ao ritmo da música. As crianças mantiveram-se calmas e expectantes com o desenrolar da história e em determinados momentos, as três crianças que conheciam a história, foram fazendo alguns dos gestos que ainda se lembravam correspondentes à história. Depois de lida a

história as crianças quiseram ver as imagens que acompanhavam o livro e de seguida procedeu-se ao reconto da mesma. Ao longo do reconto todos foram participando ativamente.

Terminado o reconto foram definidos os gestos que iriam acompanhar a música. Num primeiro momento foram feitos sem a música e sentados nos lugares, neste momento algumas das crianças não se mostraram interessadas. Num segundo momento, já com música e levantados para conseguirem expressar-se melhor foi perceptível o ânimo de todos ao executar os gestos (figura 17). Foi possível perceber que das primeiras vezes as crianças contavam a história e esqueciam-se de fazer os gestos. Depois de repetir os gestos várias vezes, no final já conseguiam fazer as duas coisas em simultâneo. Inesperado foi o entusiasmo das crianças. Quiseram ouvir a música várias vezes durante o dia, assim como algumas vezes contar a história.



Figura 17 – Reconto da história com gestos

Reflexão da atividade:

Nesta atividade pretendeu-se explorar com as crianças a sensibilidade auditiva e sua atenção, sendo no final possível inferir que a atividade tinha sido positiva, visto as crianças terem atingido os objetivos que estavam propostos. A maioria das crianças mostraram-se entusiasmadas com a atividade desde o início, outras foram-se empolgando no decorrer, terminando envolvidas na atividade. O estudo foi iniciado de uma forma suave e lúdica permitindo às crianças um contato apelativo e divertido com a música. Daí a escolha de unir a música e a história contada com expressividade pareceu ser a mais indicada, o que se veio a confirmar no final. Esta atividade permitiu às crianças

desenvolver e ampliar a sensibilidade auditiva de cada um, levando-os também a expressar emoções presentes na história e na música em determinados momentos.

A sensibilidade auditiva levou-os até à perspicaz afirmação “Podemos fazer um desenho da música e quando a música dissesse essa parte levantamos.”. Permitindo concluir que as crianças foram capazes de identificar que a música tinha distintos momentos o que os levou a fazer a devida correspondência entre as diferentes partes da música com os momentos da história e os gestos atribuídos, ficando evidente que as crianças em idade pré-escolar são capazes de conjugar tudo num só formando atividades mais complexas e combatendo o estereótipo de que as crianças ficam apenas por atividades básicas.

Em jeito de conclusão, poder-se-á dizer que esta atividade foi o despertar para a música erudita e perceber que se pode tornar divertida usando os meios ajustados ao desenvolvimento das crianças.

2. Música e Sensibilidade/ Atenção

Conceito a trabalhar: Sensibilidade auditiva através da dramatização

Síntese: Não esquecendo a afirmação de que a música da 1ª atividade tinha partes, nesta atividade foi dada a conhecer às crianças a Hungarian Dance 3 de Johannes Brahms com a dramatização da música com fantoches. Ao longo da música as personagens interagem umas com as outras com a particularidade de nunca haver diálogo entre elas. A história desenrolou-se ao ritmo da música sugerindo às crianças uma história que posteriormente recontaram oralmente e representaram.

Desenvolvimento da atividade:

A 19 de maio de 2014 realizou-se a 2ª sessão intitulada de “Música e sensibilidade / atenção”. A questão levantada pela criança MO sobre as “partes” da música na 1ª sessão deu origem ao tema da 2ª sessão, onde o grande objetivo foi desenvolver a sensibilidade auditiva e a atenção de cada criança através de uma das obras de Johannes Brahms a Hungarian Dance 3.

Antes de se iniciar a atividade foi dito às crianças que iriam conhecer uma nova obra e de um diferente compositor. Foi possível perceber que a atividade realizada anteriormente tinha ficado presente pois as crianças perguntaram se era a música que tinha a história do “Coelho Alberto”. Este momento inicial foi também oportuno para fazer referência ao novo compositor e especialmente ao país de onde ele era originário recorrendo ao globo terrestre, beneficiando do momento para ver onde fica a Alemanha, Portugal e conseqüentemente a Europa uma vez que os países fazem parte do continente europeu. Foi possível ver a admiração da criança EC quando lhe foi mostrado o espaço da Europa no globo e ela perguntou “Isto é a Europa? Isto tudo?”. A criança DS ao aperceber-se da presença do fantocheiro na sala exclamou: “Vamos ouvir um teatro”.

Posto isto foi-lhes dito que iriam ver um teatro que não tinha falas e que tinham de o entender com a música e os gestos dos fantoches. Ao que a criança JR, animado, concluiu: “Então temos de nos calar.”. Foi notório o entusiasmo das crianças face ao desafio que lhe estava a ser colocado e começaram de imediato a antecipar várias hipóteses sobre o que se iria passar como por exemplo que viria um cão, o coelhinho,

que estavam a ver cabelos, entre outras. A história (Figura 18) consistia na interação dos quatro personagens, a princesa, o príncipe, a bruxa e o herói. Ao longo da história a bruxa vai tentando afastar o casal no entanto não o consegue devido à intervenção do herói. No decorrer todos se mostraram atentos à música e à história. As crianças foram reagindo conforme os diversos momentos da música, nos momentos em que surgia o casal no fantocheiro e onde a música era mais suave, mais melodiosa sorriam entre eles e balançavam o corpo, já nos momentos em que aparecia a bruxa e a música era mais forte alguns faziam uma expressão de cara assustada chegando mesmo duas crianças, JR e RN, a tapar com as mãos os ouvidos, no entanto foi possível entender que tudo não passava de uma brincadeira entre eles e que estavam a divertir-se. No final as crianças exclamaram:

“Só apareceram esses quatro personagens?” (MM)

“É fixe!” (MM)

Na altura do reconto foi possível perceber que as crianças tinham percebido quem eram os 4 personagens da história e como é que a história se desenrolava. Foram contando que na história “A princesa e o príncipe estavam a dançar e apareceu a bruxinha má” (MO), foram então questionados sobre o que ela veio fazer e se ela queria juntar a princesa e o príncipe ao que responderam “Ela queria separá-los” (DS), “Mas não conseguiu porque apareceu o super-herói” (MM).



Figura 18 - História contada com fantoches

Terminado o reconto foi perguntado às crianças se queriam contar elas a história com os fantoches ou ouvir uma vez mais. Optaram por ver mais uma vez e só depois fazerem o teatro. Foram já mostrando preferências pelas personagens dizendo quais queriam desempenhar. Aquando de uma segunda audição da música algumas das crianças foram balançando o corpo conforme o andamento e tentaram também imitar o som dos instrumentos que conseguiam identificar. No final uma das crianças sugeriu que se batessem palmas.

Quando lhes foi sugerido que fossem eles próprios a fazer o teatro com os fantoches, e também serem eles as personagens, a animação foi evidente pois todos queriam participar. Antes de iniciar foram lembrados que não poderiam falar na história, que tinha de haver silêncio para todos perceberem a história que estavam a contar. Quando foram distribuídos as personagens, cada criança sabia o que tinha de fazer e empolgados começaram o teatro com os fantoches. Ao longo do teatro algumas das crianças foram sorrindo ao ver o que os colegas estavam a fazer. Terminado o teatro com os fantoches, foi a vez de as crianças encenarem a história (Figura 19). Nesta representação foi possível ver que algumas crianças ainda estavam inseguras sobre os variados momentos da música, no entanto em determinados momentos ouvia-se “Entra bruxa”, “Entra herói”, evidenciando assim a clara entreajuda existente entre as crianças do grupo. Foi fácil de perceber que tinham entendido que a história estava relacionada com a música.



Figura 19 - Encenação da história

Reflexão da atividade:

Tendo em conta as particularidades da atividade, onde as crianças tinham de entender a história através da música e dos movimentos dos fantoches, as expectativas sobre o sucesso da atividade e a reação das crianças à atividade não eram muito altas. No entanto, foi evidente o entusiasmo desde o primeiro momento. O facto de trazer o fantocheiro e devidos fantoches para a sala já tornou a atividade mais motivadora para as crianças. Vindo depois a melhorar quando foram desafiadas a perceber a história apenas com a música e com os fantoches o que deu azo a que uma das crianças comentasse: “Então temos de nos calar.”. O que permite identificar que estas já tem adquirido que precisam de estar em silêncio para dar atenção ao que a música tenta transmitir.

Os momentos em que se reconta a história quer com fantoches ou quando as crianças assumem um personagem possibilita ao investigador perceber se estas foram capazes de identificar os diferentes momentos da música, que leva também a aperceber se foram capazes de compreender a história que a música e os fantoches contaram. E efetivamente foram capazes de identificar os diversos momentos, de identificar o momento para os príncipes, o momento em que aparece a bruxa e o momento em que surge o herói.

O momento da dramatização em que as crianças assumiram um personagem foi oportuno para que estas, simultaneamente, envolvessem a música e o movimento. Levando-as a ter uma consciência rítmica, o que as prepara para uma posterior educação musical formal se for o caso.

Após os receios iniciais é possível afirmar que foi uma atividade bem recebida e compreendida desde o início até ao final. O que as levou a prolongar e querer repetir várias vezes ao longo do dia e posteriormente, ao longo da semana. Deu origem também à construção de novas histórias com o acréscimo de novas personagens partindo da história inicial.

3. Brinquedos

Conceito a trabalhar: Atenção e distinção de sons

Síntese: A 3ª sessão foi utilizada para apresentar às crianças a “Sinfonia dos Brinquedos” de Leopold Mozart. Esta sinfonia tem a particularidade de conter brinquedos e de estes acompanharem a melodia com os restantes instrumentos. Foi um momento oportuno para tentarem descobrir os instrumentos que se ouviam e verem que se podem usar os brinquedos na música.

Desenvolvimento da atividade:

A 3ª sessão realizou-se no dia 2 de junho. Tinha como objetivo principal a identificação de vários brinquedos através do som presente no excerto da “Sinfonia dos Brinquedos” de Leopold Mozart. Antes de começar a atividade foi-lhes perguntado: “Ainda se lembram dos nomes dos compositores que conhecemos antes? Daqueles senhores que tinham uns nomes um bocadinho estranhos?” a resposta foi rápida respondendo que já não se lembravam. Depois de se dizer os nomes para os relembrar começaram a dizer de que países eram: “Esse era o da Rússia” (MM).

Uma vez que na 2ª sessão as crianças se mostraram interessadas nos instrumentos que compunham a Hungarian Dance 3 de Johannes Brahms dizendo nomes de instrumentos que conseguiam identificar, foi levado para a sala um excerto da sinfonia de Leopold Mozart para que ouvissem. No decorrer da música foram balançando com os braços a acompanhar o ritmo da música. Depois de uma primeira audição foi-lhes perguntado se reconheciam algum som na música, algum instrumento, de forma rápida surgiram respostas “Eu ouvi maracas” “Eu ouvi um tambor” “Eu ouvi um relógio” “violino” “viola” “ Eu ouvi um som que parece do pai-natal, uns sininhos”. Uma das crianças diz que ouviu um piano, ao que outra afirma “Eu não ouvi um piano.”. Depois de um primeiro diálogo, onde foram ouvidas as respostas das crianças, foi-lhes dito que alguns brinquedos também faziam parte da música, ao que perguntaram admirados: “Brinquedos?”. Foram então desafiados a descobrir quais os brinquedos e o momento em que se ouviam. Identificaram alguns dos brinquedos. No entanto o que as crianças mais destacaram foi o apito em forma de pássaro, em que num primeiro

momento diziam ser “passarinhos”.

Depois de serem descobertos os brinquedos, foram bastantes insistentes em ver a sinfonia em suporte de vídeo. Aceceu-se ao pedido das crianças visto ser uma boa altura de observarem a disposição de uma orquestra e nomeadamente os brinquedos que se tinha falado anteriormente. Aquando do aparecimento dos brinquedos no vídeo exclamaram várias vezes: “Olha é aqui!”. O que levou no final da audição a criança JM a querer partilhar com os colegas: “Olha eu quero dizer uma coisa, eu em casa tenho umas maracas e uma guitarra.”

Posteriormente à visualização do vídeo foi pedido às crianças que fechassem os olhos de maneira a que se pudesse tocar no apito de água sem elas visualizarem. Depois de tocar, e com o apito de água escondido, foram questionados “O que vos parece este som?” responderam em coro “Os passarinhos”, a educadora estagiária voltou a questionar: “Não tinha este som na música?” as crianças em coro respondem novamente: “Tinha”. Depois de revelado o apito a todas as crianças, questionou-se o que teria dentro do apito e rapidamente se ouviram respostas como “Não tem nada!” (MO), “Vira ao contrário!” (MM). Dito que dentro do apito tinha água e que era o sopro e a água que fazia o som do passarinho, as crianças não acreditaram. O que levou a que se vira-se a água do apito e se exemplifica-se soprar sem água para ver qual seria o som que o apito reproduziria. Rápido perceberam que era a água que fazia a diferença. O entusiasmo nas crianças foi evidente, querendo a maioria delas experimentar o apito. No entanto foi-lhes explicado que tal não seria possível por questões de higiene e por ser um instrumento de uso pessoal.

Para terminar a tarefa e por vontade das crianças combinou-se construir mais tarde instrumentos para acompanhar a sinfonia.

Reflexão da atividade:

Logo no início da sessão foi possível notar que as crianças não se lembravam dos nomes de Sergei Prokofiev e Johannes Brahms. Pressupõe-se que se deva ao facto de os nomes serem estrangeiros o que os levou a uma difícil memorização. No entanto depois de se lembrar os nomes foram capazes de identificar que Sergei Prokofiev era “O da Rússia”.

Após a audição da Sinfonia dos Brinquedos de Leopold Mozart as crianças

conseguiram identificar rapidamente alguns instrumentos só com a audição. O que realça a importância na expressão musical de momentos propícios à identificação de sons, bem como a aspetos que caracterizem os sons. Depois de serem identificados alguns dos instrumentos e de descobrirem que a Sinfonia também tinha brinquedos mostraram-se curiosas com o facto de brinquedos serem capazes de estar numa música. O momento da visualização do vídeo da Sinfonia foi relevante para as crianças pois observaram a disposição de uma orquestra, identificaram novos instrumentos e viram os brinquedos que tinham falado, proporcionando ao grupo um conhecimento alargado do tipo de instrumentos presentes na obra.

A exploração do apito de água, com a particularidade de conter água dentro, permitiu às crianças ter contato com um dos brinquedos presentes na sinfonia e perceber como é que se usava corretamente, brinquedo que até então era desconhecido para todas. A sua singularidade levou a uma curiosidade de experimentar o brinquedo por todos, o que originou a oportunidade perfeita de explicar que o apito de água era um instrumento de sopro e que por isso não se podia passar de pessoa para pessoa.

4. *Vamos construir?*

Conceito a trabalhar: Expressão plástica

Síntese: A 4ª sessão consistiu na construção de instrumentos não convencionais onde se promoveu a criatividade das crianças, explorou-se diferentes materiais e desenvolveu-se a motricidade fina. Uma vez que nem todas as crianças construíram instrumentos, as restantes foram acompanhando a evolução do trabalho, partilhando opiniões com os colegas e dando sugestões.

Desenvolvimento da atividade:

No dia 2 de junho realizou-se a 4ª sessão que surgiu da vontade das crianças de construírem instrumentos/brinquedos como tinham observado na Sinfonia dos Brinquedos de Leopold Mozart. No entanto antes de iniciarmos a atividade, a criança HR quis partilhar com o resto das crianças na sala dois brinquedos que tinha trazido de casa na hora do almoço, a viola e as tabuinhas ou tréculas (dependendo da zona do país) que tinha construído com o pai.

Depois da partilha do HR seguimos com a atividade. O objetivo geral foi de construir instrumentos não convencionais e identificar a importância da sua construção (Figura 20). Foram mostrados diversos materiais às crianças (rolos de cartão (rolos de papel higiénico), copos de iogurte, cascas de nozes, folhas de jornais, caixas) e pedido para que pensassem no brinquedo/instrumento que queriam construir. Uma vez que se estavam a desenvolver vários projetos ao mesmo tempo na sala, não foi possível que todas as crianças construíssem um instrumento. Por isso as que se mostraram logo prontas e com vontade de o fazer foram as que construíram. No entanto deve ser dito que mesmo as que não construíram estiveram envolvidas e atentas ao que os colegas faziam. Sendo vários os momentos em que passavam por perto dos colegas e faziam comentários como:

“Ai que lindo está a ficar E.” (DB).



Figura 20 - Construção instrumentos/brinquedos

Questionavam os colegas como é que iam tocar aquele instrumento, recebendo logo a resposta de imediato. Também ficaram mais atentas aos objetos que as rodeavam chegando mesmo a dizer: “Olha V! Também faz barulho e é um brinquedo.” (DS), a criança estava a referir-se a uma caixa que continha areia e servia para utilizar num jogo de chão.

Reflexão da atividade:

Esta não foi uma sessão que levou diretamente as crianças a ouvirem música. Mas permitiu criar uma harmonia e gosto pela música no geral.

O momento em que a criança HR partilhou com as crianças as tabuinhas que tinham sido construídas em conjunto com o seu pai, serviu para mostrar a todos que é possível construir instrumentos com variados materiais e no caso das tabuinhas, a madeira.

Ao construir os instrumentos a criança não manipulou apenas corretamente os materiais, também foi importante a dedicação que colocou nele, levando a que esta se afeiçoa-se a ele, originando orgulho pelo instrumento, o que por consequência levou ao gosto pela manipulação.

Uma vez que apenas algumas crianças construíram os instrumentos é importante referir que os momentos em que eram questionados pelos colegas possibilitaram uma troca de saberes visto que as que estavam a construir os instrumentos iam explicando aos colegas o que estavam a fazer e em alguns momentos pedindo até opinião.

Esta atividade permitiu perceber que as crianças começaram a olhar para os brinquedos de outra forma e começaram a pensar se podiam ser colocados em alguma música.

5. *Vamos tocar?*

Conceito a trabalhar: Exploração Sonora

Síntese: Sessão para juntar os instrumentos não convencionais construídos pelas crianças e outros instrumentos de percussão à Sinfonia dos Brinquedos de Leopold Mozart. As crianças que construíram os instrumentos com materiais recicláveis tiveram a oportunidade de apresentar o que cada um fez e exemplificar como se utilizavam. Antes de se proceder à união de todos os instrumentos com a sinfonia as crianças tiveram um momento de exploração livre dos instrumentos e posteriormente de jogos rítmicos e só depois é que se procedeu à junção.

Desenvolvimento da atividade:

A 5ª sessão foi realizada no dia 16 de junho. Nasceu no seguimento da atividade de construção de instrumentos não convencionais, reciclando diversos materiais. Teve como principal objetivo o controlar o uso dos instrumentos construídos juntando-os à sinfonia.

Colocada a Sinfonia dos Brinquedos para as crianças ouvirem novamente, foram questionados se ainda se recordavam da música que estavam a ouvir. Prontamente a criança DS respondeu que sim e que era a Sinfonia dos Brinquedos.

Posto isto, rapidamente a criança GM disse que “Depois fizemos instrumentos” ao que se ouve de imediato “Eu quero, eu quero a minha viola” (HR).

Aproveitou-se então o momento para mostrar o que as crianças tinham construído. A MO construiu um pau de chuva e explicou aos colegas que “Quando fazes assim faz chuva!” executando o movimento para se ouvir. Atentos ao que ela fazia rápido comentam que “Faz o som da chuva, é um pau de chuva!” (GM).

A criança EC quis construir um shaker e exemplificou como se tocava. O instrumento que se mostrou a seguir foi uma pandeireta construída pela CR. Embora a criança JR dissesse que era um tambor, a criança DS emendou “É uma pandeireta.”. As crianças QP e MO mostraram as maracas. Com cascas de nozes, RN, SF e DB apresentaram as suas clavas. E por último, HR que tinha trazido para a escola a viola para mostrar aos colegas exibiu orgulhoso a viola que ele fez com os materiais.

Depois de apresentados todos os instrumentos feitos pelas crianças, foram distribuídos diversos instrumentos de percussão existentes na sala, clavas, guizeiras e pandeiretas para as restantes crianças fazerem também o acompanhamento da Sinfonia.

Após a audição foram dizendo nomes de instrumentos que se lembravam de ouvir na sinfonia como o violino e o triângulo.

Antes de se proceder à junção de todos os materiais com a Sinfonia, as crianças exploraram livremente os instrumentos e de seguida foram realizados alguns jogos rítmicos.

A sinfonia foi colocada uma outra vez para as crianças ouvirem e para perceberem qual era o momento em que teriam de tocar com os instrumentos. Na primeira vez em que se fez o exercício algumas das crianças não identificaram corretamente os sítios em que tinham de tocar, por isso mesmo foram identificados com a ajuda da educadora estagiária. Seguidamente começaram a tocar com os seus instrumentos (Figura 21) nos momentos em que ouviam os brinquedos, sendo que em alguns momentos foi necessária o encorajamento para tocarem pois tinham medo de errar. Depois de tocar a primeira vez e por sugestão das crianças, trocaram-se os instrumentos e voltou-se a repetir o mesmo processo.



Figura 21 - Manuseamento dos instrumentos/brinquedos

Nesta segunda vez que o exercício se repetiu, foi possível perceber que a maioria das crianças já o executaram sem dificuldades e com raro auxílio, sabendo quais eram os momentos em que tinham de acompanhar a música.

Apesar de a maioria participar no exercício destaca-se a criança DS que no decorrer do exercício por vezes não colaborava tocando livremente. Contudo o resto do grupo não dispersou e manteve-se participativo no exercício.

Terminado o acompanhamento da Sinfonia a educadora estagiária questionou as crianças: “Ainda se lembram de quem compôs esta sinfonia?”. Rapidamente a criança GM respondeu “Eu sei, eu sei.” de maneira a ajudar os que já não se lembravam a educadora estagiária disse “Foi Leopold...” e algumas das crianças em coro completaram “Mozart”.

Reflexão da atividade:

Nesta atividade foi possível ver as crianças a manusear corretamente os instrumentos, e a inseri-los de forma adequada à sinfonia.

Foi um momento oportuno para atentar a sensibilidade auditiva e a atenção das crianças durante o exercício de acompanhamento onde se verificou que as crianças foram capazes de seguir os exercícios e a música de forma correta, tocando apenas nos momentos destinados ao seu instrumento, tendo raramente de se intervir.

Sendo esta a última atividade da investigação, foi uma atividade onde foram observadas as aprendizagens das atividades anteriores como a sensibilidade auditiva da criança. Foi possível ver que as crianças depois de várias atividades são capazes de na maioria dos casos identificar momentos chaves da sinfonia tendo a educadora estagiária de intervir raras vezes. O que mostra que todas as atividades realizadas anteriormente contribuíram para o sucesso desta.

CONCLUSÕES

Neste capítulo são expostas as conclusões essenciais deste estudo onde se deseja dar resposta à questão de investigação formulada no período de observação. O capítulo está separado em três tópicos, onde o primeiro diz respeito às conclusões, o segundo faz referência às implicações educativas deste estudo e o terceiro refere recomendações face a estudos vindouros no mesmo contexto.

É sabido que se deve explorar desde cedo com as crianças a expressão musical tal como nos referem as OCEPE, e somos também conhecedores que apesar dos esforços feitos até aos dias de hoje, falta ainda muito para se chegar a uma valorização plena no sentido de igualdade de oportunidades para a expressão musical para as nossas crianças. Considera-se portanto este estudo mais um pequeno passo para a valorização que muitos tentam alcançar. No entanto, convém fortalecer esta investigação baseando-nos em perspetivas divergentes acerca da mesma temática. Logo procedeu-se a uma fundamentação teórica da mesma.

Tendo em conta o contexto em que o grupo de crianças estava inserido, o que se constatou através dos teóricos estudados, a ideia de que existem diversos métodos e que eles se baseiam nas vivências das crianças e de que a educação musical é acessível a toda a gente foram delineadas diversas atividades onde o objetivo primordial era permitir o contacto com a música erudita de um modo agradável e sobretudo divertido.

Não se desejava que as crianças no final de cada atividade fossem capazes de reproduzir alguma obra, mas pretendia-se observar a reação delas no momento em que se colocavam os diferentes excertos, observando a sua receptividade e reações às diferentes obras abordadas.

Todo o projeto de investigação foi concretizado sempre com foco na questão de investigação formulada inicialmente e a qual este estudo pretende dar resposta: Qual o impacto da música erudita nas crianças em idade pré-escolar?

Uma vez que a expressão musical assume um papel importante para as crianças no pré-escolar, é imperativo que se esclareça que este contexto não se propõe a formar músicos, mas sim, a proporcionar a expressão das emoções, ampliar e privilegiar a cultura contribuindo assim para uma formação integral da criança. No entanto para que

tal se verifique é importante que de forma criteriosa se definam objetivos concretos sobre as atividades a realizar, tendo sempre em conta atividades realizadas anteriormente e os diferentes níveis de desenvolvimento de cada criança.

Depois da análise das atividades realizadas anteriormente pelas crianças nesta investigação, pode-se inferir que a aceitação destas perante as atividades foi a que se pretendia mostrar neste estudo, uma aceitação positiva. Pode-se dizer que de forma lúdica e participativa as crianças tiveram a oportunidade de ter contacto com a música erudita promovendo a transversalidade de áreas e domínios e a sua formação pessoal e social.

No decorrer das atividades planificadas e que foram servindo de enquadramento à questão de investigação, foi possível perceber o impacto assertivo que estas tiveram, bem como a aproximação que as crianças foram tendo com a música erudita e o caminho que percorreram, que se iniciou num primeiro momento com a admiração até ao pedir para ouvir várias vezes a mesma música ou até músicas novas.

É sabido que a concentração das crianças dura um curto espaço de tempo, o que levou as atividades deste estudo a não serem muito extensas. E uma vez que se tratam de atividades de expressão musical, convenientemente se pensou em atividades de natureza lúdica, onde a música foi apresentada através de histórias e dramatizações. O cariz lúdico revelou nos participantes, a maioria das vezes, interesse e entusiasmo de querer sempre mais e o propor de atividades futuras no seguimento do que se estava a trabalhar. Dai se achar que a abordagem da investigação foi adequada ao contexto.

Posto isto é-nos possível fazer uma leitura acerca da motivação intrínseca das crianças e dos seus pares no projeto, onde vemos que este tipo de motivação não representa uma obrigação mas sim algo pelo qual a criança se interessa e algo que gosta. Desde o início da investigação que vários foram os episódios em que se conseguiu constatar tal motivação. Um dos episódios eram os pedidos que faziam diariamente para ouvir música, estando ou não a trabalhar no projeto: “Podemos ouvir música agora?” (HR), também o pedir para repetir diversas vezes determinadas atividades também ilustra a motivação com que as crianças abraçaram o projeto.

Consequentemente esta motivação foi levada pelas crianças de livre e espontânea vontade para casa, envolvendo as famílias. O que torna ainda mais enriquecedor e pertinente o presente estudo. Permitiu gerar momentos em família onde

se ouviu música por vontade da criança e que posteriormente partilhou com os colegas que “No fim-de-semana pedi ao meu pai para ouvir a música do “Pedro e o Lobo” e para ele me ler a história” (RN); outro momento que pode mostrar o impacto das atividades nas famílias, ocorreu no seguimento de uma atividade em que uma das mães chegou ao JI a dizer que o filho tinha trazido brinquedos para mostrar aos colegas pois chegou a casa com a novidade que tinha estado a ouvir música com brinquedos e queria mostrar os seus.

As atividades permitiram utilizar com as crianças vários recursos didáticos, tornando-se numa mais-valia para a investigação. Sendo elas diversificadas, despertavam e prendiam a atenção das crianças não as entediando.

Este querer diversificar de recursos didáticos dificultou ao longo da investigação, a planificação das atividades. Uma vez que se queria despertar a sensibilidade das crianças pela música erudita, era necessário que esta se junta-se a vários recursos didáticos de maneira a tornar as atividades apelativas e cativantes para as crianças, nunca deixando de ter em foco que a música clássica/romântica era o elemento essencial da atividade, o que acabou por se tornar em uma dificuldade.

Aliado ao tipo de música que se partilhou com as crianças, existia o risco da investigação se deparar com algum preconceito por parte das crianças, das famílias ou da comunidade escolar. No entanto no contexto em que se desenvolveu a investigação, não se verificou nenhum tipo de preconceito, pelo contrário, recebeu-se apoio e incentivo e até foi denotada alguma curiosidade por parte da comunidade escolar devido ao tipo de música que se pretendia estimular as crianças a ouvir.

É um facto que a expressão musical no pré-escolar tem sofrido alterações com o passar dos anos e ainda terá de continuar a caminhar para alcançar o seu lugar ideal. De acordo com Sousa (1999) “O ensino e a aprendizagem da música, tradicionalmente limitado e condicionado a parâmetros puramente desmotivadores e pouco interessantes, tem avançado no sentido da criatividade, da espontaneidade e da motivação através das mais diversas experiências, conseqüentemente muito mais virado para o mundo vivencial da criança.” (p.72). Cada vez mais se assiste à abordagem da expressão musical com mais criatividade e com base em variadas experiências, quer sejam do educador ou das crianças, dando então valor às vivências das crianças e às suas ideias. É também neste sentido que Hohmann e Weikart (1995) afirmam que “Os adultos também

percebem que a música é uma parte integrante da cultura de cada criança. Por isso fornecem às crianças o máximo de experiências musicais possíveis, para que a capacidade e compreensão musical das crianças se possa desenvolver e florescer.”. Assim, podemos referir que as crianças precisam de ouvir, de sentir, de se deixar levar pela imaginação, pela brincadeira que a música lhes oferece de maneira a que se tornem em adultos com talento e sensibilidade pela música e pelo mundo que as rodeia.

Em suma, é importante que se evite a banalização da expressão musical no pré-escolar. Os resultados alcançados neste estudo levam-nos a inferir que a expressão musical é uma mais-valia para a sensibilidade das crianças, e principalmente, que a música erudita tem um impacto bastante positivo nas crianças promovendo a aproximação a uma cultura que na maioria das vezes é esquecida. A ideia de que se poderá registar tudo o que a música pode estimular nas crianças é impraticável, pois a música instiga as mais diversas respostas e reações, dependendo claro das vivências de cada criança seja a nível de conhecimento musical ou através de experiências pessoais.

Podemos concluir que as crianças reagiram positivamente às atividades realizadas ao longo da investigação, mostrando-se agradadas com as obras musicais trabalhadas. Este fato permite-nos inferir que quando encontrado um ponto motivador, como resultaram as atividades desenvolvidas, este pode ser utilizado em diferentes áreas promovendo e potenciando diversas aprendizagens em diferentes domínios. Assim, ao serem trabalhados os conceitos que estão inerentes à própria expressão musical, podemos rentabilizar as mais-valias da expressão musical em outros domínios. Logo, a música não deve ser esquecida em nenhum contexto educativo, nomeadamente no pré-escolar, onde se inicia o processo formal de aprendizagem e evolução intelectual e emocional das crianças.

Quando ponderadas a feitura das diferentes planificações, com um fio condutor entre si, permitem a coerência com o grau de dificuldade crescente, que por sua vez, potencia os índices motivacionais a curto, médio e longo prazo proporcionando uma unicidade e sentido nas diferentes ações permitindo às crianças acompanhar e compreenderem o sentido evolutivo das aprendizagens. Juntamente com as planificações, a preparação dos materiais deve ser valorizada de maneira a que as repercussões nas atividades sejam positivas gerando índices motivacionais nas crianças. Estes índices motivacionais foram verificados em diversas situações nomeadamente nos

momentos em que as crianças pediam de livre e espontânea vontade para ouvir música na sala, mostrando que não era necessário estar sempre a motivar as crianças visto que elas já se encontravam entusiasmadas para o projeto.

Este entusiasmo evidencia também que quando os projetos são interessantes para as crianças permitem o desenvolvimento pelo gosto e aceitação pelas atividades escolares no geral. Esta alegria estende-se até à família que os leva a envolver-se também diretamente ou indiretamente sendo uma mais-valia não só para a concretização do projeto como para as crianças que veem as suas ações aceites, como foi o caso descrito anteriormente da criança HR, que partilhou com a mãe a atividade que tinha realizado.

Esta foi uma investigação onde se combateu o preconceito existente em relação à música erudita, com incidência na música clássica/romântica e onde se contrariou a ideia generalizada de que para se gostar deste tipo de música é preciso se entender sobre o assunto pois as peças musicais são consideradas elaboradas. Concluímos portanto que o impacto da música erudita nas crianças em idade pré-escolar foi positivo, visto que se demonstrou que as crianças são capazes de trabalhar diferentes tipos de música mesmo um tipo de música considerada mais complexa para a idade em que se encontram. A dita complexidade não deve ser uma dificuldade mas sim um desafio para o educador de infância bem como para as crianças. Para tal, as obras musicais mais elaboradas devem ser trabalhadas desde que sejam adaptadas tendo em linha de conta o nível de desenvolvimento e faixa etária das crianças.

Implicações Educativas

É importante referir que este projeto motivou mudanças na minha prática profissional. A ideia de que a expressão musical era importante para as crianças em idade pré-escolar já era válida para mim. Partindo da noção de que a música tem um papel importante no pré-escolar, neste projeto foi possível aperceber-me e fortalecer a ideia de que a música mantém também uma ligação forte com o brincar e que é fundamental o educador se consciencializar da importância da música no desenvolvimento integral das crianças.

Recomendações para futuras investigações

Tendo em conta o tema que se abordou, a expressão musical, inúmeras são as recomendações para futuras investigações.

Considera-se relevante e bastante significativo desenvolver estudos onde sejam tratados conteúdos relacionados com música sendo a abordagem de cariz lúdico para que as crianças sejam envolvidas pela brincadeira.

Identicamente importante é o facto de o educador não ter receio de explorar com as crianças temas considerados difíceis para a faixa etária. Mas pelo contrário, as crianças no pré-escolar mostram que estão predispostas a aumentar o seu conhecimento e por isso devem ser aproveitados todos os momentos. Portanto, o voltar a explorar a música erudita em contexto pré-escolar com outro grupo de crianças seriam interessante para perceber como é que diferentes crianças reagem ao mesmo projeto.

No caso da expressão musical a exploração de diferentes tipos de música é positiva, logo outro possível estudo seria o contato com outros tipos de música para que as crianças tenham a oportunidade de iniciarem a descoberta da cultura do mundo. A exploração poderá ser feita através da audição e identificação de sons, do movimento através do som da música, do tocar novos instrumentos, do cantar, e nunca esquecendo através da brincadeira.

Em todos os estudos futuros convém salientar que é essencial e fundamental que

nunca se imponha à criança o caminho pelo qual ela deve seguir. Deverá ser uma exploração ao ritmo das necessidades da criança e não do adulto.

PARTE III

REFLEXÃO FINAL SOBRE A PES

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar foram várias as experiências vivenciadas e que se tornaram únicas, facilitadoras e motivadoras para um futuro na educação pré-escolar.

A Prática de Ensino Supervisionada I iniciou com um ciclo de observações participativa numa sala de atividades onde foi possível conhecer e contatar com um grupo de crianças entusiasmadas com as descobertas que faziam diariamente. A adaptação ao contexto não foi propriamente fácil. Encontrei uma educadora cooperante apaixonada e dedicada pelas crianças e pelo pré-escolar, fazendo com que o primeiro impacto fosse de algum receio, com a dúvida de se estaria apta para desempenhar o papel ao qual estava destinada. No entanto foram os momentos de observação em PES I que facilitaram a integração no contexto e que foi essencial para o resto do ano. Esta foi uma fase que me mostrou o que era realmente o trabalho e o funcionamento numa sala de atividades, onde rapidamente me apercebi que tudo se pode alterar e adaptar conforme o desenvolvimento das crianças, desde que existam razões que sustentem tais alterações.

Voltando às primeiras implementações e fazendo uma rápida análise, recordo que o receio e a insegurança era alguma criando dificuldades no controlo de grande grupo. Receio de não ser capaz de levar a cabo a planificação e de não ser capaz de responder às necessidades do grupo no entanto, com o passar do tempo fui adquirindo segurança e o receio foi diminuindo dando lugar a uma atitude mais à vontade e mais fluída.

Relativamente, à PES II, o nível de exigência sentido foi maior. De uma implementação por semana passamos a três, trazendo um trabalho mais consistente e rigoroso. Para além de um trabalho mais rigoroso, permitiu um maior envolvimento com as crianças e uma maior abordagem das áreas de conteúdo e domínios. Uma vez que o grupo de crianças com o qual estávamos trabalhavam segundo a metodologia de projeto, foi também o momento oportuno para compreender melhor este método.

De um modo geral, considero que todo o trabalho realizado na unidade curricular de PES, as observações, implementações e reflexões com os professores orientadores

foram importantes e enriquecedoras para mim que individualmente e em equipa me permitiram adquirir diversos conhecimentos.

Em relação ao projeto de investigação que desenvolvi, julgo que se revelou importante não só para as crianças como para mim. Permitiu-me ver que apesar de serem crianças de 3, 4, 5, 6 anos, são capazes de serem sensíveis à música erudita e que esta não é nenhum “bicho-de-sete-cabeças”. Foi um projeto que no seu desenrolar teve constantemente uma opinião crítica construtiva da educadora cooperante, bem como do par de estágio. E similarmente a outras investigações, esta também teve algumas limitações no seu decorrer, sendo a maior delas, a falta de tempo.

Posso então concluir que a PES mostrou-me o que realmente é ser educadora de infância. Foram desenvolvidas atitudes, comportamentos e conhecimentos que futuramente serão indispensáveis na minha prática profissional. Mostrou-me como agir nas mais variadas situações e imprevistos que fui encontrando no decorrer das implementações. Reforcei a certeza de que o jardim de infância não é um lugar onde se deixam as crianças para estarem ocupadas, nem um lugar onde o educador despeja informação. O jardim de infância é um local de genuína alegria onde se partilham valores e princípios com as crianças, incentivando-as a mantê-los pela vida fora. É também um local onde se espicaça a criança a partir à descoberta de tudo o que lhes desperte curiosidade.

A PES foi um claro contributo para o meu crescimento pessoal e profissional, isto devido a todas as aprendizagens promovidas pelos docentes responsáveis pela unidade curricular, que com rigor e partilha de saberes me ajudaram a evoluir, mostrando-se sempre disponíveis.

Este ano foi sem dúvida um ano cheio de emoções e de trabalho. E por isso devo realçar também o trabalho de equipa com o meu par pedagógico, e com a educadora cooperante, que facilitou o desenrolar do trabalho com as constantes trocas de ideias e experiências.

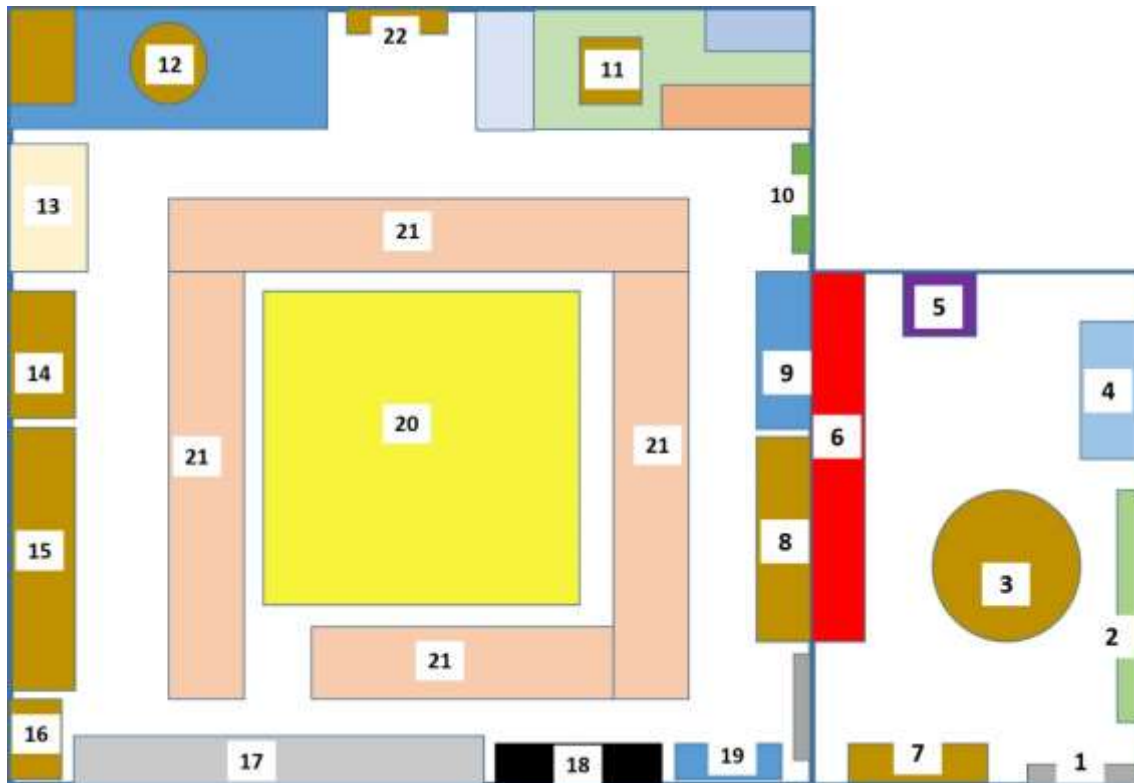
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. S., & Freire, T. (2000). *Metodologia da investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Amado, M. L. (1999). *O Prazer de Ouvir Música*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Editora Gradiva.
- Bodgan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.
- Elliot, J. (1991). *El cambio educativo desde la investigación-acción*. 4ªEd. Madrid: Ed. Morata (2005).
- Esteves, L. M. (2008). *Visão panorâmica da investigação acção*. Porto: Porto Editora.
- Estrela, A. (1990). *Teoria e Prática de Observação de Classes*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Formosinho, J. O., Spodek, B., Brown, P. C., Lino, D., & Niza, S. (1998). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (2ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Garvey, C. (1979). *Brincar*. Lisboa: Moraes Editores.
- Gordon, E. E. (2000a). *Teoria de Aprendizagem Musical para Recém-Nascidos e Crianças em Idade Pré-Escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gordon, E. E. (2000b). *Teoria de Aprendizagem Musical - Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hargreaves, D. J. (2008). *Música y desarrollo psicológico*. Barcelona: Publidisa.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1995). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ME-DGIDC. (2010). *Metas de Aprendizagem*. Lisboa: Ministério da Educação-DGIDC.
- Moura, A. (2003). *Desenho de uma pesquisa: passos de uma investigação acção*. Revista Educação. UFSM, Edição: 2003 - Vol.28 - n.1. Disponível em <http://coralx.ufsm.br/revce/>. Consultado em 17/12/2014.
- OCEP. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME - DEB.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: AMGH.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill.

- Sousa, M. d. (2000). *Metodologias do ensino da música para crianças*. Edições GAILIVRO, Lda.
- Spodek, B. (2002). *Manual de investigação em educação de infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,.
- Spodek, B., & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando Crianças de Três a Oito anos*. ArtMed: Porto Alegre.
- Tuckman, B. W. (2000). *Investigação Educacional*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Willems, E. (1970). *As Bases Psicológicas da Educação Musical*. Bienne: Pro-Musica.

ANEXOS

Anexo 1 - Planta da Sala



- | | |
|-------------------------|-----------------------------|
| 1 - Porta de entrada | 12 - Área dos jogos de mesa |
| 2 - Mural | 13 - Área da areia |
| 3 - Mesa entrada | 14 - Armário de materiais |
| 4 - Sofás | 15 - Área da escrita |
| 5 - Área da biblioteca | 16 - Armário de trabalhos |
| 6 - Cabides | 17 - Mural |
| 7 - Armário com dossiês | 18 - Área do quadro preto |
| 8 - Armário de material | 19 - Mural |
| 9 - Banca | 20 - Área jogos de chão |
| 10 - Área da pintura | 21 - Mesa grande grupo |
| 11 - Área da casinha | 22 - Porta para o exterior |

Anexo 2 – História “O Coelho Alberto”

O coelho Alberto disse ao neto
que é perigoso andar a passear
pois lá na selva há crocodilos
e os coelhinhos são um bom jantar.

Passo a passo o crocodilo avança
abre a boca e então...

Mas o coelhinho não deu ouvidos
e para a selva foi a passear
deu de caras com o crocodilo
e por pouco que não foi...

Ai que susto, ai que susto,
já não sei do coração. (Bis)

A cabeça está tão quente
ai que calor, ai que aflição. (Bis)

Hoje o coelhinho já diz aos outros
que é perigoso andar a passear
pois lá na selva há crocodilos
e os coelhinhos são um bom jantar.

Passo a passo o crocodilo avança
abre a boca e então...

